

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS-GEOGRAFIA
CAMPUS GRAJAÚ

KÉSSE MARIA ARRUDA DA SILVA

**OBSTÁCULOS AO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA DISCIPLINA
GEOGRAFIA NA ESCOLA MUNICIPAL RAIMUNDO NONATO BOGÉA
RIBEIRO/GRAJAÚ-MA**

GRAJAÚ
2016

KÉSSE MARIA ARRUDA DA SILVA

**OBSTÁCULOS AO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA DISCIPLINA
GEOGRAFIA NA ESCOLA MUNICIPAL RAIMUNDO NONATO BOGÉA
RIBEIRO/GRAJAÚ-MA**

Monografia apresentada ao Curso Interdisciplinar de Licenciatura em Ciências Humanas-Geografia da Universidade Federal do Maranhão, Campus Grajaú, como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Ciências Humanas.

Orientador: Prof. Ms. Luiz Eduardo Neves dos Santos

GRAJAÚ
2016

Silva, Késse Maria Arruda da

Obstáculos ao processo de ensino-aprendizagem na disciplina Geografia na Escola Municipal Raimundo Nonato Bogéa Ribeiro/Grajaú-MA / Késse Maria Arruda da Silva. – Grajaú, 2016.

67f.

Orientador: Prof. Ms. Luiz Eduardo Neves dos Santos.

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Maranhão, Curso Ciências Humanas-Geografia, 2016.

1. Ensino aprendizagem. 2. Ensino de geografia. 3. Metodologias. 4. Currículo. I. Título.

CDU 37:911

KESSE MARIA ARRUDA DA SILVA

**OBSTÁCULOS AO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA DISCIPLINA
GEOGRAFIA NA ESCOLA MUNICIPAL RAIMUNDO NONATO BOGÉA
RIBEIRO/GRAJAÚ-MA**

Monografia apresentada ao Curso Interdisciplinar de Licenciatura em Ciências Humanas-Geografia da Universidade Federal do Maranhão, Campus Grajaú, como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Ciências Humanas.

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.º Ms. Luiz Eduardo Neves dos Santos (Orientador)

Campus Grajaú

Prof.ª Ms. Patrícia Costa Ataíde (Examinadora 1)

Campus Grajaú

Prof.º Ms. Josué Carvalho Viégas (Examinador 2)

Campus Grajaú

DEDICATÓRIA

À minha mãe que nunca mediu esforços para ajudar nessa longa jornada que enfrentei ao meu pai que mesmo não estando mais presente entre nós, sempre desejou que realizasse esse sonho, as minhas irmãs que me apoiaram e incentivaram a seguir com meus propósitos e a meus amigos que compartilharam comigo tantos momentos de alegria, dificuldades e dor em toda minha formação acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus que me deu força, paciência e fé para enfrentar as dificuldades ao longo de minha formação, que não foram poucas.

Agradeço a minha mãe que sempre me apoiou, no qual nos momentos que mais pensei em desistir frente aos obstáculos ela me incentivou e aconselhou em seguir em frente, não só nesse aspecto como também me ajudou financeiramente, posso assegurar que seu apoio foi muito importante para a realização desse trabalho.

Agradeço também ao meu pai, que mesmo não estando mais aqui presente, sei que ele está muito orgulhoso e feliz pelas minhas conquistas.

Agradeço as minhas irmãs, Silvana Arruda pelo grande apoio financeiro e palavras de incentivo que me deu durante o curso, a Patrícia Arruda pelas enriquecedoras trocas de experiências e pela paciência de ouvir meus dramas e lamentações do meio acadêmico e a Cristina Arruda pelos incríveis momentos de descontração e pela forma especial e carinhosa que me deu força e coragem. De maneiras diferentes iluminaram meus pensamentos e contribuíram na realização desse trabalho.

Agradeço aos meus familiares que sempre acreditaram e apoiaram. Em especial agradeço meu primo Mauro Arruda que teve tanta paciência e sempre se disponibilizou a me ajudar.

Agradeço aos meus amigos de curso, Cleiane Almeida, Vanessa Dias, Carlos Antonio, Edinária Nascimento, Gerbson Eloi e Ildeane Rodrigues, que me ajudaram de diferentes formas. Juntos, compartilhamos muitos momentos felizes, tristes e dificuldade que jamais serão apagadas. Em cada essência um ensinamento novo, foi uma ótima troca de experiência, sou muita grata por vocês terem participado dessa fase da minha vida. E mesmo que o destino nos leve para rumos diferentes, sempre vou ter vocês em meu coração.

Agradeço ao Ismael Barros pelo companheirismo, atenção, carinho, apoio e pela grande paciência que teve comigo. A minha amiga de infância Camila Freitas que me apoiou de diversas formas.

Agradeço a meu orientador Luiz Eduardo Neves que acreditou em meu potencial, que ouviu pacientemente todas as minhas dúvidas e considerações, sempre me motivando a continuar. Assim, quero expressar meu respeito e admiração pela suas competências profissionais e minha gratidão pela forma que conduziu minha orientação. Agradeço também todos os meus professores que possibilitaram conhecer mais sobre o mundo das Ciências Humanas.

RESUMO

No contexto da sociedade contemporânea busca-se uma superação dos métodos tradicionais de ensino com o intuito de traçar novas práticas, no qual professores e alunos consigam juntos construir um ambiente propício para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, esse desejo de renovação nas práticas de ensino tem gerado diversas discussões acerca das metodologias, currículo e meios avaliativos utilizados em grande parte das escolas públicas. Dessa forma, o presente trabalho visa analisar a respeito dos obstáculos no processo de ensino-aprendizagem da disciplina Geografia na Escola Municipal Raimundo Nonato Bogéa Ribeiro, cujo foco é destacar as principais dificuldades na utilização de metodologias adequadas, juntamente com a apresentação dos aspectos negativos que dizem respeito à utilização do currículo e o uso inadequado dos meios avaliativos. Utilizou-se como metodologia o estudo exploratório com a coleta de dados e aplicação de entrevista semi-estruturada com o professor de Geografia da escola. Com os alunos fez-se uma seleção para participarem do grupo focal, também foi feito um levantamento bibliográfico sobre a temática abordada. Observa-se que existem alguns fatores que estão prejudicando o processo de ensino-aprendizagem da disciplina Geografia, como a má formação, ausência de boas metodologias e recursos didáticos, uso excessivo do livro didático, dentre outros. Tudo isso tem causado nos alunos desinteresse, estimulando-os a memorizarem os conteúdos, como também fortalecendo a concepção negativa que a disciplina possui.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem. Ensino de Geografia. Metodologias. Currículo. Avaliação.

ABSTRACT

In the context of contemporary society seeks to overrun their traditional teaching methods in order to draw new practices in which teachers and students can together build an environment conducive to the development of teaching-learning process, this desire for renewal in practices teaching has generated many discussions about the methodologies, curriculum and evaluative methods used in most public schools. Thus, this study aims to analyze about the obstacles in the teaching of geography discipline process in Municipal School Raimundo Nonato Bogéa Ribeiro, whose focus is to highlight the main difficulties in the use of appropriate methodologies, along with the presentation of the negative aspects concern the use of the curriculum and the inappropriate use of evaluative means. It was used as methodology the exploratory study with data collection and application of semi-structured interview with Professor School of Geography. With students made up a selection to participate in the focus group, was also made a literature review on the topic addressed. It is observed that there are some factors that are hampering the process of teaching and learning of geography discipline, such as poor education, lack of good methodologies and teaching resources, excessive use of textbooks, among others. All this has caused disinterest in students, encouraging them to memorize the contents, as well as strengthening the negative conception that discipline has.

Key words: Teaching-learning. Geography of education. Methodologies. Curriculum. Evaluation.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. CONTEXTO HISTÓRICO DA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA	13
3. A GEOGRAFIA ESCOLAR, COTIDIANO E O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM	24
3.1 Os conteúdos de Geografia e o problema do currículo	24
3.2 O ensino de Geografia e suas diversas metodologias	31
3.3 Tipos e Complexidades da Avaliação: como o professor de Geografia age ou deve agir? E o aluno, onde fica nesta história?	39
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	45
5. O ENSINO-APRENDIZAGEM NA GEOGRAFIA COMO PRAXIS: O CASO DA ESCOLA RAIMUNDO NONATO BOGEA RIBEIRO EM GRAJAÚ, MA	48
5.1 Os conteúdos geográficos: como são explorados? De que forma os alunos absorvem?	48
5.2 Metodologias de ensino como produtoras de múltiplas geografias ou como enfadonha repetição?	50
5.3 Avaliação na Geografia: obrigação do ensino ou processo de entendimento do espaço e do mundo?	53
5.4 A Avaliação como um meio e não como um fim no processo de ensino-aprendizagem: novos caminhos por traçar	54
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59
APÊNDICESErro! Indicador não definido.61

1. INTRODUÇÃO

No decorrer da história da educação, as questões referentes aos problemas educacionais também passaram a ser foco de discussão, bem como o processo de ensino-aprendizagem da disciplina de Geografia, pois as mesmas eram moldadas de acordo com os paradigmas educacionais vigentes. Assim, os objetivos de superar as dificuldades foram e continuam presentes no centro de muitos debates, isso porque são constantes os obstáculos acerca da aplicação de novas metodologias e conteúdos adequados, que possam ir além das aulas expositivas.

Entende-se que a sociedade sofreu muitas transformações por meio das influências da globalização que possibilitou moldar as metodologias e currículos, tais aspectos trouxeram resultados positivos e negativos para educação. Com essas mudanças, deu-se início as tendências pedagógicas, que possui suas próprias características com o intuito de melhorar o processo de aprendizagem nas escolas, porém atualmente no âmbito de muitas instituições públicas ainda é marcante as características arcaicas de ensino baseadas na memorização e professores sendo o único portador do saber.

De fato, ver-se necessário a superação dos métodos mais antigos para o bom desenvolvimento do ensino da disciplina, porém não existe um modelo pronto e perfeito que se adeque a qualquer situação, pois a cada dia no interior das escolas o professor se depara com situações diferentes, novos desafios a serem vencidos.

Mesmo com as mudanças na disciplina ainda é possível ver uma precariedade no ensino de Geografia, como professores desqualificados, ausência de recursos didáticos, metodologias tradicionais baseadas em conhecimentos fragmentos. Tais aspectos podem justificar o fracasso escolar e o péssimo rendimento do aluno, no qual se torna mais grave com a visão negativa que a maioria dos discentes possui sobre a disciplina de que é enfadonha e decorativa. Analisando tais fatores pode-se dizer que existe uma serie de fatores que tem influenciam no ruim desempenho da mesma.

Refletindo sobre esses apontamentos e com base em trabalhos acadêmicos, estágios e outras experiências na rede pública de ensino na cidade de Grajaú, teve-se a curiosidade de compreender os reais obstáculos do processo de ensino-aprendizagem da disciplina de Geografia, no qual se optou por desenvolver tal pesquisa na Escola Municipal Raimundo Nonato Bogéa Ribeiro uma das escolas selecionadas para a execução do Programa Institucional de Bolsa à Iniciação da Docência (PIBID) que apresentou baixo IDEB. Como

bolsista foi possível vivenciar a realidade da escola e ter conhecimento do contexto que os alunos estavam inseridos, com a duração de dois anos consecutivos.

Essa atuação no PIBID possibilitou uma grande troca de experiência como também permitiu a construção de outra concepção sobre o ensino da disciplina. As análises feitas na escola e nas aulas de Geografia gerou o seguinte problema de pesquisa, o cenário educacional da escola Municipal Raimundo Nonato Bogéa Ribeiro apresenta obstáculos referentes ao ensino-aprendizagem da disciplina de Geografia? A partir dessa indagação se viu diversos meios de pesquisar tal temática, porém preferiu-se focar em três aspectos relevantes, as metodologias, os conteúdos e avaliação.

Analisando aprofundadamente cada um desses fatores foi possível compreender o quanto são importantes no processo de ensino-aprendizagem da disciplina de Geografia. Percebe-se a grande diferença que poderia existir caso houvesse a utilização de metodologias mais dinâmicas que possibilitasse ao aluno ser o centro de todo o processo com a junção de conteúdos que se ajuste a tais metodologias e que façam sentido a construção de seu raciocínio. Para então refletir sobre o desenvolvimento de tais apontamentos, é de extrema importância que o professor consiga fazer uma avaliação coerente de todos esses conjuntos de fatores.

Por meio da pesquisa e análises feita na escola com observação direta nas aulas de Geografia foi possível alcançar respostas para a inquietação aqui imposta, justificativas que buscam expor quais são obstáculos no processo ensino-aprendizagem da disciplina na escola Raimundo Bogéa. O primeiro ponto a ser destacando refere-se à má formação do professor de Geografia, que tem ocasionando dificuldades na transposição didática, fazendo com que os conteúdos geográficos sejam enfadonhos e decorativos, pois o mesmo não busca estabelecer um paralelo entre conteúdo e realidade. Pode-se afirmar que o professor possui um saber fragmentado que não estimula os alunos a terem interesse de compreender a disciplina.

Essa má qualificação também tem influenciado nas práticas pedagógicas do professor, onde o mesmo não utiliza outras metodologias além do livro didático, essa prisão no qual se encontra tem feito de suas aulas uma mesmice, sempre muito conteudista com leituras coletivas. Foi possível analisar que a ausência de materiais didáticos na escola tem contribuído nesse aspecto, a escola não dispõe de espaço físico o que não possibilita algo mais dinâmica, faltam recursos tecnológicos, entre outros. Essa escassez de meios tem influenciado bastante no desenvolvimento do ensino da disciplina, no entanto o desinteresse do professor tem agravando o problema.

Outro ponto relevante diz respeito às práticas avaliativas que o professor utiliza. Percebe-se que o método mais utilizado por ele é a avaliação somativa, que se dá no final dos bimestres por meio de provas ou testes. Grande parte das atividades, trabalhos em grupo ou individual só servem para atribuir notas, não a verificação ou diagnóstico se os alunos estão realmente aprendendo e se suas metodologias estão ajudando nesse processo.

Entende-se, por sua vez que o objeto central da pesquisa é analisar os obstáculos que tem prejudicado o processo de ensino-aprendizagem na escola Raimundo Bogéa, assim buscou-se identificar as metodologias que estão sendo utilizadas para o bom desenvolvimento da disciplina, bem como refletir sobre a ausência de recursos didáticos, também será ressaltado as consequências causadas pela má formação dos professores e por fim analisar como é trabalhada a transposição didática dos conteúdos da Geografia e sua relação com o cotidiano dos alunos.

Tais análises possibilitam destacar quais são os verdadeiros causadores dos problemas no ensino da disciplina na escola, pois durante todo desenvolvimento das atividades do PIBID, teve-se a oportunidade de conhecer uma outra face da educação no município, de vivenciar uma realidade que os professores da rede pública enfrentam diariamente. E como os trabalhos do programa são voltados para a interdisciplinaridade, optou-se por pesquisa a Geografia que a priori apresentou algumas lacunas em seu ensino e principalmente no que diz respeito à atuação do professor em sala.

A escola nos últimos anos apresentou o IDEB de 3.7 considerado baixo, tal aspecto impulsionou o desejo de pesquisar sobre essa temática, pois supõe-se que seja de extrema importância destacar as dificuldades que o professor apresenta juntamente com os problemas que existe na escola com o intuito de encontrar respostas que possam ajudar na superação de tais obstáculos, no qual as indagações feitas durante o desenvolvimento da pesquisa serão úteis para se repensar alguns aspectos negativos na instituição.

Pode-se afirmar que a pesquisa é muito importante para a escola, já que apresentou problemas que podem ser solucionados por meio de uma mudança significativa do professor como também refletir sobre o descaso da Secretaria de Educação frente às dificuldades na educação do município, isso porque os aspectos analisados no Raimundo Bogéa é uma realidade de muitas escolas de Grajaú, apesar da pesquisa ter sido desenvolvida na referida instituição, sabe-se que todos os fatores aqui mencionados tem prejudicado o processo de ensino-aprendizagem da disciplina de Geografia e que compõe o cenário educacional.

Partindo desse pressuposto, o trabalho foi desenvolvido a partir do levantamento de pesquisas bibliográficas, leitura e fichamento, assim como em pesquisas via internet,

buscando acervos bibliográficos que tratasse inicialmente a cerca da temática. Logo em seguida fez-se pesquisa de campo na Escola Municipal Raimundo Nonato Bogéa Ribeiro para coletar dados sobre a realidade da instituição, com observação direta das aulas, com o objetivo de analisar as metodologias e conteúdos de ensino utilizado pelo docente da disciplina de Geografia.

A pesquisa se deu a partir de estudos qualitativos, no qual foi realizando uma entrevista semiestruturada com o professor de Geografia da referida escola para entender as concepções do mesmo sobre as principais dificuldades no processo de ensino-aprendizagem.

No que se refere aos discentes, foi utilizado amostragem aleatória para selecionar representantes das turmas do 6º ano e 7º ano. A partir disso, procedeu-se à aplicação da técnica de pesquisa de grupo focal. Esse método foi aplicado com o intuito de compreender as dificuldades que os alunos possuem na aprendizagem da Geografia, discutir a metodologia de ensino empregado pelo professor, bem como aponta sugestões de como eles gostariam que fossem as aulas.

Os principais autores que contribuíram na fundamentação deste trabalho são de cunho geográfico. A saber: Lana de Souza Cavalcante, Maria Inez Carvalho, Shoko Kimura, Marisa Dezotti, Ail Ortiz, Izabella Bento. Tais autores apresentaram diversos argumentos que possibilitaram uma à maior compreensão da temática abordada, com conceitos que ajudaram a enriquecer a pesquisa.

O presente trabalho está dividido em três capítulos distintos: no capítulo I será discutido o contexto histórico da disciplina de Geografia, destacando os pontos relevantes de quando surgiu juntamente com as transformações que a mesma sofreu ao passar dos anos, frisando o movimento de renovação que impulsionaram as mudanças do paradigma educacional da Geografia Tradicional para a Geografia Crítica, também será ressaltado pontos importantes do Tecnicismo educacional e a Geografia Humanista. Esses paradigmas possibilitam compreender muitos fatores que ocorreram no ensino da disciplina na atualidade, bem como permitiu um embasamento teórico para desenvolvimento da pesquisa na escola.

No segundo capítulo será debatido os conteúdos e os problemas nos currículos geográficos, isto é, discorrer as dificuldades que existem em relação aos conteúdos. As discussões geradas neste capítulo traz algumas percepções sobre o estudo do local e global, aspecto relevante no ensino da Geografia. Os conceitos geográficos também ganham destaque, pois será ressaltado sobre sua importância na formação do raciocínio geográficos dos alunos como para sua concepção de mundo. E as consequências ocasionadas pelo uso

inadequado dos currículos, no qual também será evidenciado a influencia que a má formação docente pode causar.

Outro ponto importante deste capítulo é as concepções acerca das diversas metodologias que podem ser utilizadas no ensino da disciplina de Geografia, como também os problemas que são gerados pela falta de recursos didáticos adequados e uso excessivo do livro didático. Os tipos e complexidades avaliativas entram em discussão, no qual são destacadas as três modalidades avaliativas, como devem ser utilizadas e os benefícios que a mesma pode oferecer ao professor e aos alunos. Refletindo sobre a importância de cada um desses aspectos no processo de ensino-aprendizagem.

E por fim, no terceiro capítulo será a análise da pesquisa feita na escola por meio das observações direta das aulas de Geografia, entrevista aplicada ao professor e o grupo focal feita com os alunos, em suma os resultados.

2. CONTEXTO HISTÓRICO DA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA

Atualmente existem diversas discussões acerca do ensino da disciplina Geografia, sobre seu importante papel para a sociedade, pois a mesma é vista por grande parte dos alunos como decorativa e enfadonha. Essa visão pessimista sobre a Geografia desperta a curiosidade de tentar entender o porquê de tantas lacunas no que se refere ao seu ensino-aprendizagem. Para buscar compreender tais apontamentos é importante tentar entender nas origens do pensamento geográfico os conceitos e paradigmas que serviram de base para o desenvolvimento da disciplina e que ainda estão presentes no âmbito das instituições de ensino.

Segundo Pessoa (2007), a Geografia como disciplina teve início no século XIX nos currículos escolares da Alemanha, poucos anos antes da unificação do seu território. O século dos oitocentos ficou marcado por diversas transformações políticas e econômicas e o processo de industrialização encontrava-se em ritmo acelerado. Assim, o contexto no qual surgiu, fez com que tivesse o papel de fortalecer a nacionalidade alemã, onde acabou se tornando uma peça fundamental para o imperialismo ampliar seus territórios. Dessa forma, pode-se compreender que os primeiros passos da Geografia na educação, tiveram início no período de desenvolvimento da escolarização alemã, é importante ressaltar que tudo isso ocorreu de forma lenta, já que levou algum tempo para as universidades acrescentarem em seus currículos a formação de professores primários e secundários.

No final do mesmo século, a França começa a desenvolver os primeiros cursos de formação de professores, juntamente com a reforma do ensino, ocasionada pela derrota na guerra franco-prussiana, entre os franceses e alguns estados Germânicos liderados pela Prússia. Tais aspectos fizeram com que o governo tivesse o interesse maior no ensino da Geografia.

É possível afirmar também que a Geografia possuiu ligação com outras disciplinas e que passou por diversas transformações, sendo moldada pelos anseios da economia. O século XIX foi de extrema importância para os conhecimentos geográficos, pois foi nele que surgiu a Geografia Moderna junto com a formação do atual sistema escolar. Na concepção de Vlach (1990) apud Cavalcanti (1998, p. 18)

Foi, indiscutivelmente, sua presença significativa nas escolas primárias e secundárias da Europa do século XIX que a institucionalizou como ciência, dada o caráter nacionalista de sua proposta pedagógica, em franca sintonia com os interesses políticos e econômicos dos vários Estados-nação. Em seu interior, havia premência de se situar cada cidadão como patriota e o ensino de Geografia contribuiu decisivamente, nesse sentido, privilegiando a descrição do seu quadro natural.

Pode-se então, compreender que a princípio a função da disciplina era a descrição de territórios e de países em particular, o que fortalecia ainda mais a ideia de nacionalismo, proporcionado um ensino voltado para as vontades e necessidades econômicas. Mesmo com as mudanças que a disciplina sofreu ao longo dos anos, esse paradigma de ensino chegou ao Brasil basicamente com as mesmas características.

De acordo com Pessoa (2007), a Geografia escolar no país conseguiu alcançar outro status por meio do Colégio Pedro II, no ano 1837, nesse período a disciplina sofreu forte influência dos modelos curriculares franceses, isto é, os conteúdos e as metodologias pautavam-se em seguir tais moldes, no qual o intuito era a memorização de conceitos e nomes geográficos.

É possível compreender que a princípio a realidade educacional do país era a certo modo, arcaica, já que não havia professores formados, pois a Geografia chegou primeiro no ensino secundário e posteriormente nas universidades, ou seja, nesse período de tempo, as aulas dessa disciplina não possuíam docentes capacitados na área como também faltava profissionais para produzir os livros didáticos. Ribeiro (2011, p. 825) ressalta

[...] A Geografia no Brasil recebeu uma enorme influência francesa, pautada na obra de Paul Vidal de La Blache que dominava o cenário geográfico Francês entre o final do século XIX e o início do século XX, interferindo nos espaços escolares e universidades de maneira marcante. A Geografia lablachiana era positivista e com forte ênfase nos estudos regionais, sendo sua maior expressão acadêmica a produção de monografias descritivas, repletas de dados específicos que serviam para se apreender o conhecimento geográfico das várias regiões estudadas.

Pelo exposto, pode-se perceber que desde que a Geografia foi reconhecida como ciência que a mesma apresenta grandes problemas, com o ensino-aprendizagem não foi diferente, pautada na memorização e descrição das paisagens humanizadas e naturais, esse paradigma ficou conhecido como Geografia Tradicional, no qual possibilitou a Geografia ser rotulada como enfadonha e decorativa.

Analisando os traços dessa forma de ensinar a disciplina, ainda é possível observar sua presença marcante no interior das instituições como nas próprias metodologias utilizadas pelos docentes. Carvalho (1998, p. 27) descreve os conteúdos da Geografia Tradicional “como verdades absolutas, principalmente, através de aulas expositivas, nas quais o professor é o detentor do conhecimento e o aluno o receptor deste”. Essa forma de ensino se restringia a transmissão de conhecimento, onde os alunos eram os meros receptores enquanto o professor era o portador da verdade absoluta. Kimura (2010, p. 79) afirmou que

as concepções sobre a transmissão do conhecimento julgavam que o aluno permanecia em uma relação muito passiva no ensino-aprendizagem, sendo tratado como um receptáculo vazio e dócil, pronto para ser preenchido pelo conhecimento emanado do professor, que, sendo o dono do saber, era o único a expressar-se.

Supõe-se que essas características sejam resultados da forte influência que as ideias positivistas tiveram sobre os currículos da Geografia Tradicional, no qual o objetivo maior era descrever o espaço geográfico, no entanto, Carvalho (1998) afirma que esse espaço geográfico visto pelo modelo tradicional de ensino, nunca foi de fato analisado, e sim se criou inventários que davam ênfase ao meio físico, deixando o homem como um mero participante desse espaço.

Durante as décadas de 1960 e 1970, período do governo militar, houve uma desvalorização do ensino devido à valorização da técnica. O tecnicismo educacional tinha como fundamentação as formas sistêmicas de ensino, no qual as práticas pedagógicas possibilitavam aos professores terem uma grande ação controladora sobre os alunos, sempre os incentivando a realizarem atividades repetitivas que em nada contribuía no desenvolvimento cultural dos mesmos, isso porque era um modelo que se baseava em uma estratégia eficaz de estímulos e recompensas, seria uma forma do aluno emitir respostas de acordo com a vontade do professor.

No contexto no qual estava ocorrendo, à função da escola era moldar o processo cognitivo do aluno, como também atitudes e habilidades, pois isso seria útil na preparação dos indivíduos para saberem lidar com a nova forma de organização social, isto é, a escola ajudaria o fortalecimento do sistema capitalista, já que o grande interesse que existia era capacitar as pessoas para o mercado de trabalho. Saviani (2002, p. 13) ressalta

A educação estará contribuindo para superar o problema de marginalidade na medida em que formar indivíduos eficientes, isso é, aptos a dar sua parcela de contribuição para o aumento da produtividade da sociedade. Assim, estará ele cumprindo sua função de equalização social.

Essa ideia permite compreender a existência de uma ideologia a serviço da capacitação dos indivíduos para lidar com o processo de trabalho nas indústrias, que proporcionaria o equilíbrio no sistema econômico, como também seria inexistente a ociosidade, pois não existiriam pessoas improdutivas que não pudesse contribuir no desenvolvimento da sociedade.

De acordo com Kimura (2010), nesse período, o país vivia com fenômenos como o êxodo rural, que foi um fenômeno marcante, já que a industrialização estava a todo vapor, as cidades recebiam um grande quantitativo populacional. Com as escolas não foi diferente, as salas encontravam-se cheias, o ensino era precário e a importância que atribuíram à técnica fortaleceu na formação de mão-de-obra. Assim os livros didáticos eram repletos de atividades e os conteúdos inquestionáveis.

Analisando os primeiros passos da disciplina é possível perceber qual foi o papel da Geografia para a sociedade, na qual se desenvolveu e as mudanças que a mesma sofreu até os dias atuais. Entende-se que muitas escolas continuam propagando os métodos tradicionais, talvez esta seja uma das respostas para compreender porque a disciplina é vista como enfadonha pelos alunos.

É necessário destacar que ao longo da história diversos encontros e conferências objetivaram mudar na prática o processo de ensino-aprendizagem na Geografia, porém ainda existem dificuldades que afetam o rendimento dos alunos no que diz respeito aos conhecimentos geográficos. Sobre essas mudanças que ocorreram no ensino de Geografia Cavalcanti (2002, p. 11) ressalta:

Numa análise da história dessa disciplina no Brasil é possível marcar o final da década de 1970 como o início de um período de mudanças significativas em torno de propostas de pesquisa e ensino, que ficou conhecido como Movimento de Renovação da Geografia. Desde então, muitos caminhos foram escolhidos para se fazer uma análise crítica da fundamentação teórico-metodológica da ciência geográfica e para se propor alternativas ao modo de trabalhar essa ciência como matéria escolar.

Esse movimento criou forças por meio das diversas críticas sobre o método de ensino da Geografia Tradicional, no qual destacava suas fragilidades, como o intuito de disseminar as ideias de uma Geografia nova, que se assentava na criticidade. Dessa forma, a Geografia Crítica traria inovações à abordagem da disciplina, como também proporcionaria uma nova compreensão do posicionamento do homem frente ao espaço e uma visão mais ampla de mundo, destacando aspectos políticos e de luta de classes para a disciplina.

Pode-se afirmar que no período da década de 1960, a Geografia Tradicional entrava em crise, pois começavam a surgir as necessidades de mudança, tal paradigma já não era mais satisfatório, em outras palavras, a função da escola em relação à organização social já não era mais a mesma, o público alvo também era outro. De acordo com Carvalho (1998), esses aspectos contribuíram no declínio da disciplina, pois de certo modo a escola deixava de ser de elite para se tornar de massa.

A Geografia Crítica apresentou suas primeiras características no Brasil na década de 1970, período de profunda instabilidade política e perseguição a quem fosse contra o regime militar. Esse novo paradigma surgiu em um contexto de mudanças, não obstante seu viés também era de transformação, pois o processo metodológico já possuía outra fundamentação a concepção sobre a realidade.

Carvalho (1998, p. 45) faz a seguinte afirmação sobre a Geografia Crítica “(...) podemos dizer que a(s) geografia(s) crítica (s) busca(m) remontar esse espaço. E para ser

remontado, ele tem de deixar de ser abstrato para ser concreto - o lugar onde os sujeitos sociais vivem”. Aqui o espaço não é mais visto como neutro, e sim, o espaço no qual os homens evidenciam suas semelhanças e diferenças, isto é, nesse novo paradigma o homem não é mais o mero observador do espaço vivido, mas o ser que compõe e tem a possibilidade de transformar tal realidade.

A Geografia Crítica surgiu na mesma época que a Geografia Humanista, outro paradigma da Geografia, voltado às experiências e subjetividades dos indivíduos, no qual busca compreender a relação do mesmo com o meio em que vive. Sobre essa concepção Tuan (1982) apud Rocha (2007, p. 21) afirma

A Geografia Humanista procura um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e idéias a respeito do espaço e do lugar.

A Geografia Humanista tinha como pressuposto a compreensão de que cada indivíduo possui sua própria concepção de mundo, expressando-se de forma distinta como o meio que está inserido, no qual há uma valorização da forma que estão organizados no espaço, era uma forma de ampliar a visão sobre o homem, isso porque as novas metodologias não compreendiam um indivíduo como um ser simplesmente capaz de raciocinar, mas dotado de sensações e sentimentos.

Por sua vez, as concepções da Geografia Humanista pautavam-se na relação do sujeito com o objeto, aquilo que é exterior a ele e o subjetivo que parte do seu interior. Isso significa dizer que a construção do conhecimento dos alunos, se dava por meio dessa ligação, entre os aspectos espaciais e os valores.

No Brasil as novas ideias que vinham surgindo sobre a disciplina, ganharam repercussão por meio das obras de Yves Lacoste – geógrafo filiado do Paradigma Crítico da Geografia – que segundo Cavalcanti (1998) tinha no centro de suas discussões o papel ideológico da Geografia nas escolas e das bases teóricas da mesma. Dessa forma, pode-se compreender que Lacoste impulsionou o movimento de renovação no país, por meio de suas análises e é claro da sua tão conhecida “Geografia dos professores”¹.

¹ Para Lacoste (1997, p. 31) a Geografia dos professores “se tornou um discurso *ideológico* no qual uma das funções *incoscientes*, é a de mascarar a importância estratégica dos raciocínios centrados no espaço. Não somente essa Geografia dos professores é extirpada das práticas políticas e militares de decisões econômicas (os professores nisso não têm participação), mas ela dissimula, aos olhos da maioria, a eficácia dos instrumentos de poder que são as análises espaciais. Por causa disso a minoria no poder tem consciência de sua importância, é a única a utilizá-las em função dos seus próprios interesses e este monopólio do saber é bem mais eficaz por que a maioria não dá nenhuma atenção a uma disciplina que lhe parece tão perfeitamente [inútil]”.

O movimento centrou-se no desencadeamento de vários outros, que possuía basicamente o mesmo objetivo que era por fim nos métodos tradicionais de ensino e conseguir perpetuar outra visão sobre o ensino-aprendizagem da Geografia.

Sobre esses aspectos Cavalcanti (1998, p. 20) ressalta.

O movimento de renovação do ensino de Geografia, no Brasil, nos últimos 20 anos tem sido marcado pela abertura de espaços de debates científicos (encontros, e congressos nacionais, regionais e locais) para a discussão e a divulgação de novas propostas, pela produção de trabalhos dedicados a esse tema é, também, pela produção de livros didáticos que buscam operacionalizar tais propostas.

As discussões que cercavam e ainda cercam a disciplina Geografia geraram muitos trabalhos que indagavam o seu real sentido para sociedade, tais discussões quase sempre discorriam sobre a mesma coisa, porém a realidade educacional continua com diversos problemas. Muitos professores no interior das instituições de ensino persistem com os métodos tradicionais, independente da área que atuam.

De certo modo, as propostas de renovação que tanto se discutiu e se discute não são colocadas em prática nas salas de aulas. Muitos professores do ensino básico, nas décadas de 1970 e 1980, não tinham acesso às informações devido às precárias condições existentes. Esses movimentos se restringiam apenas aos muros das universidades. Assim, é possível notar que o movimento de renovação não foi de fato uma ruptura total com os métodos tradicionais, pois tais características persistiram e continuam presente nas escolas.

Apesar de ainda existirem traços marcantes dos métodos tradicionais na atualidade, houve mudanças significativas tanto no que se refere à metodologia quanto ao conteúdo, pois de certo modo houve uma superação dos currículos tidos como tradicionais, por meio das próprias transformações que a sociedade vem sofrendo, mais especificamente as causadas pela economia e pela política, já que desde os primeiros passos da Geografia como ciência, ambas tem conseguindo lapidar o seu modo de se aperfeiçoar.

É importante ressaltar que o movimento de renovação não ocorreu de forma repentina, foi aos poucos disseminando as novas ideias, pois como já mencionado o movimento se restringiu muito as universidades, enquanto a realidade no interior das escolas persistia sem muitas mudanças significativas, no entanto, desencadeou diversas discussões sobre os problemas relacionados à disciplina, no qual objetivo era superar os currículos tradicionais.

Os apontamentos levantados mostram que a Geografia nunca se destacou em relação a outras ciências, tal aspecto é levantado por Carvalho (1998) quando pergunta o que explica essa falta de destaque. No intuito de encontrar uma resposta para seu questionamento, a autora ressalta algumas possíveis soluções, como exemplo, que essa falta de reconhecimento da

disciplina seja resultado de seus fundamentos na corrente positivista, em que até a percepção de Vidal de La Blache no que se refere a objetividade e neutralidade é questionada.

E como esse, outros argumentos são discutidos, porém um apontamento é tido como resposta para Carvalho (1998, p.38):

A resposta é que nunca a geografia, uma ciência do espaço, poderá ser importante enquanto paradigma da razão moderna o modo de produzir conhecimento. Isso, fundamentalmente, se explica porque as categorias tempo e espaço são considerados absolutas nesse paradigma e as correntes consideradas trabalham com a supremacia total do tempo sobre o espaço.

Essa ideia remete outro aspecto importante, como já mencionado o sistema econômico conseguiu influenciar nas políticas educacionais, ou seja, os rumos tomados pela disciplina são determinados pelas necessidades econômicas, e enquanto se desenvolver dessa forma o contexto não poderia ser diferente, pois o capitalismo fortalece as desigualdades sociais como também perpetua a péssima fama da disciplina como decorativa e apolítica.

Como já mencionado, o movimento de renovação acarretou vários outros eventos que discutiam o papel da Geografia no ensino, que se estendeu durante os anos 1990, e que de certo modo conseguiu propiciar a implementação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) no Brasil, que ocorreu no ano de 1995 com o lançamento da primeira versão do documento. De acordo com Rocha (2010), nessa parte que foi mais introdutória, o Ministério da Educação tinha a Geografia e a História como única área, que também abrangia outras disciplinas. Somente em 1997, com o terceiro lançamento do documento, que vem especificando as duas áreas, e como essas, outras versões foram feitas, sendo que, em 1999 veio a público a última versão direcionada ao Ensino Médio.

Rocha (2010) também discorre sobre as fases dos PCN's, no qual o Primeiro e Segundo Ciclos do Ensino Fundamental os educandos devem ter o conhecimento geográfico, que lhes dará a oportunidade de conhecer e compreender as relações socioculturais e o funcionamento da natureza da qual esta inserida, no entanto o documento dá ênfase a importância dos conceitos e categorias da Geografia, tendo como principal categoria a de Lugar, que também trará consigo as concepções de Território e Paisagem. No Terceiro e Quarto Ciclos, o autor ressaltar mais uma vez o papel que a categoria Lugar tem no documento, porém, observa-se que nos dois últimos ciclos do Ensino Fundamental, outros aspectos são mencionados com o Espaço, que é eleito o objeto central, dando ênfase as categorias Território, Região, Paisagem e Lugar.

Na década de 1990, mudanças ocorreram também nos cursos de formação de professores, tais mudanças visaram compreender o papel do professor frente às

transformações no contexto educacional. Fiorentini (1998) retrata um pouco das mudanças que aconteceram nesse período e nos anos 2000, destacando as implementações de programas, que envolviam tanto as políticas educacionais como cursos de licenciatura no país. Desta forma, Fiorentini (1998) apud Cavalcanti (2011, p. 03) ressalta

Na década de 1960, valorizava-se quase que exclusivamente o conhecimento específico que o professor tinha em termos da matéria a ser ensinada; na década de 1970, a valorização foi para os aspectos didático-metodológicos relacionados às tecnologias de ensino; nos anos 1980, o discurso educacional foi dominado pela dimensão sócio-político e ideológica da prática pedagógica; é, finalmente, na década de 1990 houve a tendência de ser valorizar a compreensão da prática docente e dos saberes dos professores.

Tais mudanças buscariam construir uma nova identidade para o docente, já que nas duas últimas décadas houve a implementação de programas que tinham por objetivo proporcionar reformulações educacionais no país. De acordo, com a percepção de Cavalcanti (2011, p. 02), sobre a fundamentação de política educacional, foi criado “a Lei de Diretrizes e Bases, de 1996; as resoluções do Conselho Nacional de Educação, de 2002, e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Geografia, de 2001”.

Os aspectos mencionados refletiram diretamente nos conteúdos geográficos contidos nos livros didáticos, que eram modificados a partir dos paradigmas educacionais. Kimura (2010) discorre que pelos anos de 1950 a disciplina de Geografia vinha inserida nos denominados Conhecimentos Gerais, no qual era meramente conceitual, com alguns questionários no final dos capítulos. Em meadas dos anos 1960, ocorria no país a implementação da chamada democratização do ensino, período no qual os docentes formavam-se dentro de pouco tempo e trabalhavam em condições precárias com salas amontoadas de alunos, esse contexto causou a expansão do livro didático com pouco conteúdo e muitas atividades, que reforçava a repetição e memorização.

De fato, as mudanças nas políticas educacionais conseguiram traçar outros rumos para a disciplina de Geografia a partir da década de 1970, pois até então a categoria tempo-espaço era tida com absoluta. Sobre essa questão Foucault (1980) apud Carvalho (1998, p. 38) afirma que “o espaço foi tratado como morto o fixo, o não dialético, o imóvel. O tempo, ao contrário, era a riqueza, a fecundidade, a vida e a dialética”. As mudanças que ocorreram na economia conseguiram afetar diretamente a educação, tornando-a cada vez mais técnica e mecanizada, ou seja, houve uma fragmentação do antigo paradigma por outro, no qual o capitalismo sempre ganhou destaque, causando a valorização do tempo em detrimento, mesmo compreendendo que o objeto da Geografia é o espaço.

No entanto, já na pós-modernidade² com o advento dos novos paradigmas da Geografia e com as transformações do próprio contexto escolar, os objetivos educacionais almejados eram a construção do conhecimento, no qual dava destaque para a categoria espaço-tempo, em que as concepções de tempo e espaço absoluto foram deixados de lado. Assim, a compreensão de ensino da disciplina também passou a ser outro. Na percepção de Callai (1998) apud Cavalcanti (2002, p. 13)

a geografia é a ciência que estuda, analisa e tenta explicar (conhecer) o espaço produzido pelo homem e, enquanto matéria de ensino, ela permite que o aluno se perceba como participante do espaço que estuda, onde o fenômeno que ali ocorrem são resultados da vida e do trabalho dos homens e estão inseridos num processo de desenvolvimento.

Essa ideia já remete outra visão sobre o processo de ensino-aprendizagem da disciplina de Geografia, onde os métodos tradicionais já não são tão marcantes como o paradigma anterior. Com a mediação do professor o aluno terá mais autonomia para compreender o principal papel da disciplina para seu convívio em sociedade. Essa nova proposta da disciplina pode ser relacionada com construtivismo, que não se restringe apenas a disciplina de Geografia, mais de uma forma geral ao ensino que condiz com que está sendo discutido. Cavalcanti (2002, p.30) afirma

É notório, todavia, o entendimento de se considerar o ensino como processo de construção de conhecimento do aluno como sujeito ativo desse processo e, em conseqüência, a ênfase em atividades de ensino que permitam a construção de conhecimento como resultado da interação do aluno com os objetos de conhecimento.

O construtivismo tem o intuito de combater os currículos tradicionais, que fragmenta o ensino e valoriza a memorização, para por em prática novos métodos, no qual o professor com sua função de mediador consiga aproximar o aluno do objeto de estudo da Geografia, levando-o a se tornar mais crítico e ativo. É importante ressaltar que o professor não perderá seu valor na aprendizagem, pelo contrário, continuará sendo uma peça fundamental para formação intelectual, moral e afetiva dos alunos.

Os apontamentos feitos mostram um pouco de todas as mudanças que a disciplina de Geografia passou até os dias atuais, principalmente no que se refere a conteúdo e aos processos metodológicos, onde parte de tais transformações foram causadas direta ou indiretamente pelas necessidades econômicas, não obstante, a contemporaneidade ainda apresenta traços marcantes dessa influência. Isso significar dizer que muitas propostas,

² Nunes (2009) destaca que a pós-modernidade é compreendida por Habermas e Jameson como um fenômeno da cultura de globalização, pautadas nas ideologias neoliberais. O autor acrescenta que a base material da Pós-Modernidade seria, assim, a globalização econômica que se impõe de forma absoluta e eternizada pela lógica do mercado, sendo esta própria a grande e definitiva meta-narrativa.

programas e projetos que são lançadas com objetivo de melhorar a educação, na prática dificilmente ocorrem conforme o planejado. Dezotti e Ortiz (2010, p. 83)

As “novas” tendências educacionais multiplicam-se, buscando responder aos anseios de uma sociedade que, muitas vezes, entende a educação como um caminho mais fácil de superar os problemas estruturais da desigualdade entre pobres e ricos, alfabetizados e analfabetos, homens e mulheres, desenvolvidos e subdesenvolvidos, etc.

A Educação – sobretudo por omissões e irresponsabilidades dos agentes dos poderes públicos – ainda não encontrou respostas ou meios para solucionar os grandes problemas da sociedade atual, pois mesmo imersa a tantos avanços ainda existe um grande número de pessoas sem acesso a uma educação de qualidade.

No que se refere aos saberes geográficos escolares, as dificuldades são diversas, a falta de recursos didáticos, livros atualizados, má formação de professores são problemas que tem prejudicado o rendimento na disciplina como também tem fortalecido a visão negativa que o cerca. Isso ocorre porque existem diversos meios tecnológicos que vem inovando no processo de ensino-aprendizagem da disciplina, porém nem todos conseguem ter acesso aos mesmos, como a outros recursos essenciais, nessas circunstâncias muitos professores não buscam métodos diferentes, e acabam propagando os tradicionais.

Como mencionado, um dos problemas do ensino da Geografia está na má ou na falta de formação na área, em que muitos docentes da rede pública de ensino não estão preparados para estar em sala. É possível compreender que independente da disciplina que leciona irá encontrar dificuldade pelas difíceis condições de trabalho, ou seja, pelos diversos problemas no qual é submetido, se não possuir uma formação ou se a mesma não for de qualidade, essa dificuldade será bem maior, e esses problemas refletem diretamente nos alunos. Cavalcanti (2010, p. 163) ressalta

Convém destacar que a formação do professor se constitui um elemento primordial para a construção e reconstrução dos conhecimentos geográficos e fundamentais e de seus significados sociais. Para tanto, não basta ao professor ter domínio da matéria (conteúdo), torna-se necessário que o docente tenha a capacidade de pensar criticamente, desvendar os processos que permeiam a realidade social e que se coloque como sujeito transformador dessa realidade.

Essa ideia da autora demonstra o perfil de um bom professor, no qual dá ênfase a importância de uma boa formação, que não basta apenas o domínio de conteúdos, mas a compreensão de si mesmo sobre sua importância para a sociedade. O docente terá que saber lidar com a realidade da escola principalmente do aluno, pois o mesmo participará da construção do pensamento crítico, como o intuito de ampliar sua percepção de mundo. Caso contrário, se o professor não conseguir estabelecer um elo entre os conteúdos e o contexto no

qual os alunos estão inseridos, os mesmos não atribuirão nenhum valor à disciplina, porque não existe sentido estudar os fatos de uma forma mais geral se não for relacionado com o cotidiano dos alunos.

É possível perceber a importância de uma boa formação, porém é necessário analisar que só a formação não basta, pois é um processo continuado, onde o docente deverá ser um pesquisador, sempre buscando conhecer coisas novas e procurar meios que contribua no desenvolvimento dos alunos. Essa discussão remete uma passagem de Kimura (2010, p. 55): “destinam ao trabalho do professor uma tarefa de agente transformador da sociedade numa versão salvacionista, como se fosse até onipotentes”. O novo paradigma educacional traz outra percepção do papel do professor, no qual o mesmo é tido como o grande protagonista que conseguirá salvar a sociedade de todos os anseios atuais, em outras palavras, conferem a ele uma responsabilidade que vai muito além de suas atribuições.

Como já ressaltado, a falta de uma boa formação interfere diretamente na aprendizagem dos alunos, pois apesar do construtivismo ter como fundamento a construção coletiva do conhecimento dos educandos, o professor é uma peça muito importante nesse processo. Porém, além dessas dificuldades, outros obstáculos são encontrados no processo de ensino-aprendizagem da disciplina de Geografia, pois atualmente os saberes geográficos continuam fragmentados.

É intrigante observar a Geografia, que mesmo diante de tantas transformações, ainda existem diversos problemas relacionado à sua aceitação. Dessa forma, é importante ressaltar que as tentativas de mudar os métodos tradicionais para os novos métodos da Geografia vão necessitar primeiramente da compreensão da crise paradigmática, pois caso contrário o processo de ensino-aprendizagem da disciplina continuará estagnado nas metodologias arcaicas e nos conteúdos soltos, que nada contribuem para o avanço nos modos de ensinar.

3. A GEOGRAFIA ESCOLAR, COTIDIANO E O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

3.1 Os conteúdos de Geografia e o problema do currículo

A concepção que existe atualmente é que as dificuldades dos conteúdos e metodologias já foram superadas, porém a realidade do interior de muitas escolas públicas do país mostra que infelizmente ainda não houve a superação de tais problemas no que se refere aos conteúdos geográficos. Há uma fragmentação desse saber, que tem contribuído para a falta de reconhecimento da disciplina. Essa discussão desperta a curiosidade de tentar entender porque a Geografia ainda apresenta problemas no que diz respeito aos conteúdos e ao currículo, já que sofreu profundas mudanças desde o movimento de renovação.

Como já ressaltado, alguns problemas presentes no processo de ensino-aprendizagem da disciplina de Geografia são ocasionados pela má formação dos professores, tal aspecto tem se tornado um dos grandes obstáculos para o bom ensino da Geografia, primeiro porque muitas vezes o professor possui dificuldades na transposição didática, não conseguindo relacionar os conteúdos escolares com a realidade dos alunos e da escola. Essa percepção remete as ideias de Kimura (2010, p.74), quando afirma “[...] geralmente, essa nova maneira de tratar o conhecimento não é enfatizada e nem, na maior parte das vezes, é referida nos cursos de formação inicial do professor [...]”. De certa forma, é possível compreender que a falta de uma boa formação contribui para a manutenção dos métodos tradicionais. Na concepção de Cavalcanti (2011, p. 09)

Levando em conta a necessidade de superar alguns obstáculos do currículo praticado nos cursos superiores, entende-se que a articulação entre a Universidade e escola na problematização e na construção de saberes sobre a Geografia escolar é uma das formas adequadas para se conseguir a construção de conhecimentos geográficos pelos alunos do curso que tenha significado para sua profissão.

Essa abordagem permite perceber que os conteúdos são como instrumentos e dependerá do professor utilizá-los da forma adequada de acordo com o contexto de seus alunos, portanto, o foco da disciplina é construir um raciocínio espacial a partir do desenvolvimento do pensamento autônomo, que possa ir além da localização, que de certo modo tem se tornado tão representativo para a Geografia. Essa questão pode ser influenciada pela organização dos conteúdos didáticos, que permitirá ao educando relacionar os conteúdos estudados com seu cotidiano. De acordo com Kimura (2011. p.76)

Por um lado, existe a valorização dos conteúdos historicamente acumulados e consagrados e, por outro lado, a valorização dos conteúdos socialmente significativos. Essas questões são tidas como de grande pertinência na definição do papel que a escola pode exercer na sociedade, diante da importância da aprendizagem do aluno.

A ideia do autor mostra a valorização de dois tipos de conteúdos, o primeiro provém de conhecimentos prontos, no qual é adquirido ao longo do desenvolvimento das diferentes ciências, e que não levam em conta as mudanças que ocorrem naquilo que está sendo vivido, ou seja, não traz no centro de suas discussões as questões sociais. O segundo, em oposição, está intimamente relacionado às mudanças da realidade, e que dão ênfase aos aspectos sociais com o intuito de compreender suas transformações.

É possível observar a importância que existe na escolha de bons conteúdos e da aplicação dos mesmos, tal aspecto dependerá muito do posicionamento do professor, pois como já mencionando os saberes geográficos devem estar interligados com a realidade dos alunos, onde os conteúdos são peças fundamentais nesse processo, no qual o papel do docente, como já mencionado, é sempre construir esse elo entre o conteúdo abordado com a realidade vivida pelo aluno.

Isso permite compreender, que em muitos casos, os conteúdos perdem seu valor quando não existem metodologias adequadas, isto é, um necessita do outro para serem representativo na vida do aluno. No entanto, a realidade encontrada dentro de diversas escolas públicas se resume a aulas expositivas e conteudistas, que tornam a disciplina enfadonha e sem nenhum sentido para os educandos.

Deve-se levar em consideração a organização dos currículos que também são de extrema importância para o ensino-aprendizagem da disciplina Geografia, e que atualmente apresentam alguns problemas. De acordo como Kimura (2010), a organização curricular durante algum tempo era recorte dos círculos concêntricos, essa forma de organização dava ênfase a localidade, onde o meio que o aluno vivia deveria servir com referência para as atividades escolares. Assim, compreende-se que o ensino privilegiaria o que estava próximo ao educando, algo simples e posteriormente mais complexo e distante do que era vivenciado pelo mesmo. Entende-se que os guias curriculares³ estavam pautados nesses círculos concêntricos, que ganhou destaque na década de 1970, esses guias se tornaram a base fundamental no ensino de Geografia nas escolas públicas, apontando os tópicos que deveriam ser ministrados em sala.

Essa organização curricular permitiu compreender os tópicos que seriam trabalhados de acordo com os respectivos anos, portanto, a fase inicial se basearia em algo mais concreto que está no cotidiano dos alunos. Em um segundo momento há uma atuação do professor de

³ De acordo com Kimura (2010), os Guias Curriculares determinavam quais tópicos deveriam ser estudados como também estabelecia quais seriam as abordagens geográficas. Esses guias se firmaram nos anos de 1970 durante o governo militar no Brasil.

Geografia fazendo um recorte espacial no 5º e 6º anos, os conteúdos retratam o Brasil em geral, e na fase final uma abordagem geral sobre o espaço mundial. É possível perceber que os temas abordados eram referentes às habilidades dos alunos, que vão se desenvolver a partir da capacidade cognitiva de cada um. Kimura (2010, p.10) ressalta que

costumamos considerar que, para as crianças mais novas, o seu concreto é a realidade que lhes aparece imediatamente. Ao mesmo tempo, destaca-se a importância de alguns esquemas nas situações de ensino-aprendizagem que desenvolvam estruturas de tempos e de espaço, permitindo aos alunos construir alguns mecanismos para responderem a uma classe de situações dadas.

Tais esquemas não precisam ser baseados nos círculos concêntricos com estrutura de tempo e espaço próprios, pelo contrário os esquemas devem existir, porém mais dinâmicos e abertos com algo que não distorça a realidade, pois de certo modo há uma restrição nos conteúdos, onde cada ciclo possui seu próprio tema gerador.

Atualmente existe outra compreensão das organizações curriculares, onde o intuito é guiar os saberes escolares proporcionando a relação entre teoria e prática. Sobre esse aspecto, Kimura (2010, p.101) afirma, “é necessário desenvolver uma organização curricular levando em conta o aluno enquanto sujeito do conhecimento, ocupando, por isso, o centro do processo de aprendizagem”. Essa nova forma de organização curricular traz uma diferente concepção sobre o aluno, faz com que o papel do professor seja repensando, incluindo conteúdos e metodologias de ensino.

A ideia da articulação entre o global e o local, na importância de moldar conteúdos que abrangem uma temática geral para com aquilo que os alunos vivenciam parece ser um bom caminho, o que possibilita aos alunos encontrar um sentido para a disciplina, onde possam ir além da mera descrição e memorização de conceitos.

Também é interessante destacar que o conhecimento prévio que o aluno possui sobre determinado tema já permite ao mesmo ter uma noção da relação que existe entre os temas principais da disciplina com seu cotidiano. O saber do professor, que é construído ao longo de sua vida em sociedade também contribui na construção do pensamento ativo do aluno, já que tem experiências que permitem ter mais propriedade do que está ensinando.

Dessa forma, o currículo pode ser compreendido como um projeto que visa às mudanças nas atividades práticas, que aos poucos vão desenvolvendo novas formas e significados, em outras palavras, seria a organização das práticas em determinado contexto, no qual devem valorizar os aspectos culturais, fortalecendo os laços sociais a partir do saber geográfico no ambiente escolar.

Sobre este aspecto, Cavalcanti (2002. p. 35) destaca

Admitindo-se que o objetivo do ensino da Geografia é o de desenvolver o pensamento autonomia a partir da internalização do raciocínio geográficos, tem-se considerado importante organizar os conteúdos de ensino com base em conceitos básicos e relevantes, necessário á apreensão do espaço geográfico.

Essa ideia da autora remete um dos principais objetivos dos PCNs de Geografia, que se pauta em desenvolver no aluno as ações de cidadania a partir dos saberes geográficos, pois os mesmos terão uma compreensão mais ampla sobre os aspectos culturais e sociais que o cercam, no qual o professor com seu papel de mediador participará da formação da cidadania dos seus alunos direcionando-os a relacionar os conteúdo com as problemáticas de seu cotidiano. Novamente, referindo-se a relação do global com o local, já que se tornou uma das grandes dificuldades do processo de ensino-aprendizagem da disciplina Geografia, pois caso o docente não tenha o aluno como sujeito participativo dos processos sociais, os problemas da disciplina se multiplicarão.

Existem diversas percepções sobre os PCN's, de um lado pregam que os currículos são à base do bom desenvolvimento educacional, de outro a visão que os mesmos são como grades no qual os professores encontram-se aprisionados. Rocha (2010) discorre que os PCN's não ocorrem da forma que deveria acontecer, na qual o autor questiona o documento por não apresentar seus reais significados e objetivos, isto é, a educação tem servido de base para o atual sistema econômico, onde os resultados apresentados são seleções intencionais, com o intuito de manter o controle social para que não haja necessidade de uma dominação mais explícita, ou seja, por meio da educação se impõe de certa forma o capitalismo que irá cada vez mais possibilitar acumulação de capital na mão de poucos.

Assim é possível observar a influência que o neoliberalismo tem sobre a educação, que por trás das políticas curriculares existem outras concepções, que vai além de propiciar melhor educação para todos, Rocha (2010) reforça seus argumentos por meio das críticas que são feitas no documento para modelos antigos do ensino de Geografia, com a Geografia Tradicional e a Geografia Marxista, e esses apontamentos que são feitos mostra que o documento ainda apresenta traços desses modelos tradicionais.

As discussões levantadas pelo autor, desperta o interesse de indagar as atuais condições do ensino da disciplina de Geografia, pois como foi possível observar, os PCN's percorreram um longo percurso até o estado atual, para está da forma que se encontra. Os argumentos de Rocha (2010) sobre o documento impulsionam a uma concepção negativa, quando na verdade os PCN's são bem elaborados, o problema encontra-se na falta de articulação com as necessidades escolares.

De fato, deve haver mudanças na organização do currículo de Geografia, como também será necessária a conscientização por parte dos professores em relação aos saberes geográficos, atribuindo seu real significado da disciplina e rompendo com as práticas tradicionais de ensino. Portanto, um ensino baseado no construtivismo é essencial para o desenvolvimento de uma educação de qualidade, onde o professor como mediador contribuirá na construção de um pensamento autônomo e ativo de aluno, com o objetivo de por fim na mera transmissão de conteúdos prontos e acabados. Na sociedade atual, ainda é possível observar traços marcantes da educação bancária, que se baseia na transmissão. Bento e Cavalcanti (2009) afirmam que

[...] o transmissor de conteúdo, por mais que acumule outras características de outros estilos, este é predominante em sua prática e sistematizado em seus saberes, que são aplicados sempre com o auxílio do livro didático, desencadeando a transmissão verbal dos conteúdos, a partir de aulas expositivas, na maioria das vezes, sempre iguais [...]

Essa forma de ensinar a disciplina fragmenta o saber geográfico e faz com que as aulas tenham um caráter informativo e mecanizado, distanciando o conteúdo da realidade do aluno, já que o mesmo não conseguirá desenvolver um raciocínio crítico para compreender os fenômenos que o cerca. Tal aspecto faz com que a Geografia perca seu real significado de formar cidadãos capazes de refletir sobre questões do espaço em relação ao seu meio social.

Perante as diversas abstrações no ensino da disciplina é necessário que o professor proporcione circunstâncias onde o aluno consiga refletir e avaliar, que estimule o mesmo a fazer indagações sobre o espaço geográfico, pois é a partir de tais aspectos que os educandos compreenderam que as questões sociais, econômicas e políticas não são meros tópicos da disciplina, mas um problema que pode ser observado no seu cotidiano.

Sabe-se que todas as ciências possuem seu próprio objeto de estudo, no qual criam sua própria identidade se tornando mais autônoma, a Geografia apresenta seus conceitos fundamentais que proporcionam o sentido para tal saber, que é alvo de diversas discussões pelos seus fundamentos teóricos. Os conceitos são de extrema importância para o ensino da Geografia escolar, no qual não diminuem o valor das demais temáticas abordadas, já que é uma disciplina pautada na interdisciplinaridade com outras ciências.

Tais conceitos permitem ao aluno entender as mudanças que ocorrem constantemente no espaço geográfico, fazendo que o mesmo faça uma leitura de mundo sem uma visão romantizada. Portanto, o desenvolvimento do pensamento geográfico do aluno será enriquecido por esses conceitos que estão se expandindo cada vez mais, isso não significa dizer

que são estudados de forma separada, um depende do outro, onde só terá seu devido valor quando relacionado com o cotidiano do aluno. Sobre esse aspecto, Cavalcanti (2002, p. 14)

A ideia é a de que conceitos geográficos mais abrangentes são ferramentais, recursos intelectuais fundamentais para a compreensão dos diversos espaços. São esses conceitos (e outros não especificamente geográficos) que permitem aos alunos, no estudo de Geografia, localizar e dar significação aos lugares, pensar nessa significação e na relação que eles têm com a vida de cada um.

É possível analisar que a construção do pensamento conceitual do aluno permitirá mudar sua concepção de homem com o mundo, em que a influência da escola é de extrema importância, porém não será a única a contribuir, é necessário propor aos educandos meios que façam com que os mesmos consigam estabelecer um diálogo entre os conceitos científicos e conceitos cotidianos, pois se sabe que os conceitos geográficos não surgem do nada na mente dos indivíduos, esses conceitos foram se modificando, baseando-se em um referencial teórico-metodológico.

Existem conteúdos que vão além do que é visível ao aluno, que dependerá da mediação do professor para serem esclarecidos, isso significa dizer, que o docente deve mostrar o que está por trás daquilo que parece óbvio para o educando, por exemplo, um gráfico contém dados sobre o crescimento populacional de um determinado país para serem analisados, porém esse mesmo gráfico pode desencadear informações que vão além desses dados, como os fatores que estão influenciando tal fenômeno, imigração, natalidade entre outros, ou seja, proporcionará a análise de fatores, quem são afetados, onde e porque ocorrem, no qual dependerá do professor explicar e ajudar o aluno a entender certas temáticas.

Outro aspecto importante é o ensino da Cartografia, que por muito tempo permaneceu pouco relevante, entretanto atualmente é indispensável na composição do currículo escolar, pois permite ao aluno desenvolver a habilidade de ler e interpretar mapas. Portanto, durante a formação do educando o mesmo vai ampliando seus saberes de localização, orientação, representações cartográficas, dentre outros, não sendo um conteúdo solto, mas integrado aos demais conteúdos da disciplina.

Os conteúdos associados à cidade e o urbano também possuem destaque nas aulas de Geografia. Sobre essa temática Cavalcanti (2002, p. 16), ressalta “[...] seu tratamento no ensino de Geografia é, pois, bastante relevante quando se busca o desenvolvimento de raciocínio geográfico para o exercício da cidadania”, ou seja, são conteúdos que visam proporcionar aos alunos a compreensão do modo de vida social, observando todos os fenômenos, sendo capazes de criticar e refletir sobre seus direitos.

As questões ambientais também fazem parte do conjunto de conteúdos que tem se destacado no ensino da disciplina, pois apresentam um caráter indisciplinar por possuir ligações com várias outras disciplinas, isso significa dizer que a educação ambiental permite ao educando entender a relação da constituição física e social, já visando construir no mesmo a ideia da importância da conservação e preservação dos recursos naturais e culturais.

Por sua vez, colocar em prática todos os aspectos mencionados tem se tornado um grande obstáculo aos professores, que tem encontrado dificuldade em chamar atenção dos alunos para compreender os conteúdos geográficos, primeiro porque os alunos já possuem uma visão predefinida da disciplina, de que é tediosa e decorativa, e segundo, a necessidade de desconstruir esse ensino fragmentado, isolado de uma temática geral que não é vinculada a realidade do aluno. Dessa forma, é necessário destacar a importância do Lugar como fundamento para ensinar os conteúdos geográficos. Sobre essa questão Cavalcanti (2011, p. 12) ressalta

[...] como princípio transversal às disciplinas, formar o sujeito habitante que interroga, que está sensível e que conhece, geograficamente, o Lugar que habita. Isso implica em colocar no centro o “sujeito habitante”, na expressão de Lindon, que estudará, conhecerá, terá informações e análises de diferentes lugares do mundo, desconhecidos a serem conhecidos, mas não como algo externo e esse sujeito, mas como fazendo parte do mundo em permanente e completa interligação, e, assim, como fazendo parte do próprio aluno.

O conceito de lugar tem se tornando relevante para o desenvolvimento do ensino de Geografia, no qual tem desempenhando o papel de mediador entre o sujeito e a realidade, no intuito de compreender seus laços sociais, Cavalcanti (2011, p. 12) acrescenta ainda que o “lugar é mediador importante para análise geográfica, o lugar permite questionar e buscar respostas a respeito da localização e do significado da localização dos fatos, processos e fenômenos estudados”. Deve-se dar ênfase ao fato que vai além de simples compreensão da localização, é preciso analisar o contexto dos alunos e da escola. Cavalcanti (1998, p. 24), frisa também que

[...] Entre o homem e o lugar existe uma dialética, um constante movimento: se o espaço contribui para a formação do ser humano, este, por sua vez, com sua intervenção, com seus gestos, com seu trabalho, com suas atividades, transforma constantemente o espaço. Não importa se refere a um indivíduo ou uma sociedade ou nação. Em qualquer caso, o espaço as próprias percepções e concepções sobre ele são construídas na prática social [...]

Assim, a concepção do espaço geográfico, deve ser desenvolvida ao longo da formação do indivíduo e a escola tem a função decisiva de buscar construir no aluno o interesse de compreender seu meio social, com o intuito de formar no mesmo um raciocínio

crítico sobre o espaço, ou seja, analisar os fenômenos não como meros observadores, mais como ser pertencente e transformador de tal realidade.

Isso remete outro aspecto relevante, o do professor conhecer a realidade da comunidade na qual seus alunos fazem parte. Procurar compreender os problemas sociais, econômicos e políticos que estão no cotidiano dos mesmos, isso ajudar a despertar o interesse do educando em analisar os conteúdos geográficos, pois trata de uma temática que pode ser relacionada com a que o aluno vive, proporcionando outra visão dos saberes da disciplina Geografia. Também contribuirá na aplicação dos conteúdos adequados juntamente com boas metodologias.

A busca do professor em conhecer a realidade social dos alunos enriquece seus saberes, que são construídos ao longo de sua função docente como nas suas próprias relações em sociedade, que são muito importantes em sua atuação em sala, não significando dizer que ele deva negar outros saberes, na verdade é necessário que exista uma relação entre ambos, isso vai fazer com que o professor se torne mais seguro em relação a um saber que é edificado pelo sujeito.

Quando se busca discutir sobre os conteúdos escolares de Geografia, surgem vários fatores negativos, como a já mencionada má formação do professor, a falta de metodologias adequadas, problemas encontrados na organização dos currículos e tantos outros apontamentos. Existem também argumentos sobre as soluções de tais problemas, porém poucas mudanças acontecem, pois a transformação no ensino da disciplina não depende apenas do professor, mais de todo um conjunto de pessoas e instituições que interferem nas políticas educacionais.

Deve-se compreender que o ensino da disciplina Geografia tem passado por novas reflexões, tais mudanças buscam melhorar as formas de trabalhar os conteúdos. Baseando-se em conceitos que possa contribuir na formação cognitiva dos alunos com relação aos saberes geográficos.

3.2 O ensino de Geografia e suas diversas metodologias

A sociedade sempre esteve em constantes transformações, tais mudanças têm moldado a educação a seu modo, tanto de forma positiva como negativa. No ensino de Geografia percebe-se que as metodologias de ensino mudaram bastante com o passar dos anos, moldadas, sobretudo, pelos diferentes Paradigmas da Educação. É possível afirmar que havia a necessidade de mudanças, pois até a década de 1970 as práticas de ensino se baseavam nos

métodos da Geografia Tradicional, isto é, conteúdos associados a verdades absolutas, sendo o professor o portador do conhecimento e o aluno receptor.

De fato, a superação dos métodos tradicionais era necessária, já que suas práticas não se adequavam mais a realidade da época, novas ideias e argumentos buscavam algo que pudessem por fim nas exaustivas e decorativas aulas expositivas de Geografia. Por sua vez, a Geografia Crítica não conseguiu proporcionar uma ruptura total com as metodologias tradicionais, pois infelizmente algumas características de tais métodos persistiram e continuam presentes nas salas de aula.

Assim, existem diversas discussões acerca de uma possível renovação nas metodologias do ensino, isso porque os saberes geográficos têm o objetivo de formar cidadãos críticos capazes de analisar e refletir sobre o espaço geográfico, porém a realidade de muitas escolas é diferente do que é tido como ensino adequado da disciplina, onde se preza a aproximação dos conteúdos com o cotidiano dos alunos. Araújo et. al. (2012) discorre sobre essa questão afirmando que o predomínio de uma abordagem tradicional desvinculada dos objetivos de aprendizagem, amiúde tem atribuído à Geografia Escolar um rótulo nada agradável: o de disciplina mnemônica e sem utilidade.

De fato, faz-se necessária a superação dessas metodologias para que haja o bom desenvolvimento do ensino da disciplina, porém não existe um modelo pronto de metodologias perfeitas que se adequem a qualquer situação, pois a cada dia no interior das escolas o professor se depara com situações diferentes, novos desafios a serem vencidos. Só o domínio do conteúdo não é suficiente, é importante que o docente saiba se comportar diante dos obstáculos no seu cotidiano escolar, até porque a construção do raciocínio geográfico se dá de uma forma conjunta. Dezotti e Ortiz, (2010, p. 81) ressaltam

Sabe-se que não existe uma receita infalível de metodologias para se desenvolver aulas interessantes que atraiam os alunos, todos os dias do ano. Não obstante, é preciso também que sejam desenvolvidas relações de afeto, simpatia e entusiasmo entre educador e educando, como base para a criação de um clima propício à aprendizagem. Infere-se criatividade e sensibilidade do professor para a condução do laborioso processo de transformar o conhecimento de senso comum em saber científico que, então incorporado pelo aluno, permitir-lhe-á ressignificar o mundo.

Essa ideia remete que as metodologias devem ser planejadas de acordo com o contexto dos alunos, que se adequem às necessidades da turma, isto é, certos métodos aplicados em determinada escola podem não possuir os mesmos resultados se elaborados em outra escola. Portanto, as práticas de ensino são elaboradas a partir do perfil dos alunos, isso vai exigir mais do professor, algo que vá além da transmissão de conteúdos, fazendo da sala de aula um ambiente propício.

É necessário que haja inovação nas práticas pedagógicas, em que o professor seja comprometido com o processo de formação dos alunos, que pesquise e que sempre esteja buscando novos métodos de ensino, porém a precariedade na educação, a falta de um bom salário desestimulam o profissional a desenvolver sua função de forma satisfatória, primeiro porque o mesmo se vê obrigado a trabalhar em mais de uma escola, sua rotina está sempre em ritmo acelerado, pois falta tempo de planejar, de estudar, de se organizar e de pesquisar. E tudo isso interfere em sua prática na sala de aula, contribuindo de forma negativa no aprendizado do aluno, e é claro na aplicação de metodologias.

Isto não quer dizer que todos os professores trabalhem dessa forma, existem exceções. Também é importante destacar que tais aspectos não são justificativa para o mau desempenho dos professores, há outros fatores que interferem no processo de ensino-aprendizagem. Cavalcanti (2011) ressalta a construção do perfil do professor, no qual o profissional deve ter consciência da importância de seu papel para o desenvolvimento da sociedade. Isso significa dizer que o mesmo terá que edificar sua identidade profissional se reconhecer como docente para vencer alguns obstáculos. Pode até parecer uma visão romantizada da realidade educacional, mas devido aos vários problemas que cercam o ensino, a boa vontade do educador passa a ser fundamental.

As práticas pedagógicas utilizadas no ensino da disciplina devem estar voltadas para o contexto do aluno, no qual conteúdos e metodologias precisam estar articulados, pois um complementa o outro, por sua vez, vai depender do professor a construção desse elo entre ambos, no intuito de levar para sala de aula, por exemplo, o lúdico que influencia no desempenho do aluno.

Os meios tecnológicos educacionais são peças fundamentais nesse aspecto, mas há desafios a serem vencidos, de um lado a falta de recursos que assombram muitas escolas e por outro a falta de vontade e de conhecimento dos professores para usar os que estão a sua disposição. Alguns dos problemas mencionados são agravados pelo próprio sistema educacional, que não investe na área de forma adequada, pois se sabe que há verba disponível para ser aplicada.

Assim, apenas algumas escolas são privilegiadas com certos aparatos, e há diversos casos onde o professor não sabe manusear esses novos meios tecnológicos, porque o governo não investe na capacitação dos docentes para usufruir dessas inovações que chegam às escolas. Sobre essa questão Brito e Purificação (2008, p. 46) argumentam sobre os causadores dos problemas educacionais:

[...] a ausência de uma política clara para a educação como todo; falta de recursos financeiros; péssimas condições materiais das escolas; salários baixos para o profissional professor; precária formação do professor em razão da estrutura tradicional dos cursos de licenciatura, entre outros.

Os recursos tecnológicos podem ser significativos na escola, se utilizados de forma adequada, pois auxilia no despertar do interesse do aluno, porque é algo que o tira da prisão que o livro didático tem se tornado, mas é necessário ressaltar que esses recursos não se reduzem ao simples fato de serem usados, eles devem ser um instrumento capaz de fortalecer a relação homem/mundo, possibilitando ao educando uma visão mais ampla dos fenômenos sociais, políticos e econômicos.

O uso de recursos tecnológicos na educação muitas vezes é visto como a solução de todos os problemas, isto é, uma das formas de esconder as dificuldades no interior das instituições. Brito e Purificação (2008, p. 39) reforçam essa ideia quando afirmam que “alguns educadores consideram que a simples utilização desses meios é o suficiente para garantir um avanço na educação”. Essa passa a ser a concepção de muitos professores que utilizam tais recursos acreditando que estão sendo inovadores, no entanto, se tais metodologias forem utilizadas sem possuir um sentido para a vida do aluno, perderá seu devido valor didático.

Há também, professores que usam os meios tecnológicos educacionais como uma forma de passar o tempo, isto é, muitas vezes sem um planejamento para a aula, a solução é passar filmes e vídeos. Sabe-se o quanto é rico trabalhar como esse tipo de método, se associado com aquilo que está sendo estudado, caso contrário, será um passatempo sem valor para a aprendizagem do alunato.

É interessante ressaltar, que esses recursos têm ganhado força nos últimos anos influenciando de diversas formas a vida em sociedade, dando possibilidade ao indivíduo de ter acesso irrestrito a todo tipo de informação. A utilização dos mesmos na escola vai depender muito do professor, que vai buscar uma forma mais didática para trabalhar com aquilo que os alunos estão constantemente utilizando.

Dezotti e Ortiz (2010, p. 86) afirmam que “atualmente, a mídia, a tecnologia, o precoce ingresso na escola levam à criança e ao adolescente uma carga impressionante de informações que lhes permitem estabelecer relações relativamente complexas muito cedo”. Esse argumento fortalece a ideia da importância do professor saber manusear os novos recursos tecnológicos e é claro usar de forma didática, isso porque empregar esses meios possibilitará ao aluno a capacidade de analisar criticamente os fenômenos sociais de uma

forma geral até o local, será uma maneira de incentivar os educandos a buscar respostas para suas próprias indagações a respeito do que os cerca.

Por sua vez, as dificuldades para aplicar metodologias diferenciadas em sala de aula têm aumentando, construir um ambiente propício para aprendizagem também tem se tornando uma tarefa complicada, pois as práticas de ensino estão cada vez mais pautadas em métodos tradicionais com conteúdos distantes da realidade dos alunos, tais aspectos têm fortalecido o status de enfadonha que a disciplina Geografia traz consigo. No caso das metodologias, os males não estão presentes apenas no uso inadequado dos meios tecnológicos, e sim em todo contexto educacional. Afirmando Dezotti e Ortiz, (2010, p. 85),

O aluno pode vir a considerar as aulas de Geografia como um bom e agradável momento de aprendizagem escolar, mas isso depende, é claro, da atuação consciente do professor, o qual deve levar em conta que o ser humano é curioso, criativo e transformador, que carrega em si a ansiedade de saber mais. O educador deve ter a consciência de que só fará um trabalho adequado a partir do conhecimento da realidade imediata do seu aluno.

É necessário que o professor consiga criar um ambiente que desperte o interesse dos alunos pelos saberes geográficos, ou seja, conhecendo um pouco da realidade dos mesmos, o docente terá noção de como aplicar as metodologias adequadas levando em consideração os conteúdos abordados, onde seja possível estabelecer um diálogo professor-aluno, que permita compreender que o conhecimento se dá de forma lenta e gradual, a partir da construção e participação de ambas as partes.

É visível que o ensino da disciplina de Geografia seja importante para todos os níveis do processo de formação intelectual do aluno, por isso dá-se tanta ênfase às metodologias aplicadas em sala, pois a percepção que existe sobre a mesma se respalda na premissa pessimista de que é maçante. Dessa forma, busca-se desconstruir tal visão. E o uso de boas metodologias pode contribuir significativamente nesse processo. Como já mencionando os recursos tecnológicos são instrumentos riquíssimos na educação, no caso do ensino dos saberes geográficos existem diversos aplicativos e programas que possibilitam ao aluno ter acesso a muitas informações.

Aplicativos e programas, como o Google Earth, por exemplo, também podem contribuir no ensino da Cartografia, uma temática muito importante que tem por objetivo analisar os fenômenos geográficos, na qual o mapa é fundamental com um grande valor didático. Cavalcanti (2002, p. 39) ressalta que “é importante assim o uso do mapa no cotidiano das aulas de Geografia para auxiliar análises e para desenvolver habilidades de observação, manuseio, reprodução, interpretação, correção e construção de mapa”. É possível

notar o quanto é necessário explorar e construir mapas em sala, pois ajuda a desenvolver no aluno o raciocínio geográfico.

Infelizmente o uso adequado dos mapas ainda é pouco utilizado, a concepção que existe é que o mapa é um conteúdo a parte, usada de vez em quando para deixar a aula um pouco mais dinâmica, talvez uma das respostas para esse problema esteja nas dificuldades que os professores possuem de explicar os mapas a partir de uma linguagem que desperte a curiosidade do aluno. Neto e Barbosa (2010, p. 166) afirmam que “a linguagem cartográfica deve ser utilizada pelo estudante, tendo por base a contextualização das categorias de análise da Geografia e dos conteúdos que estão sendo estudados”.

Castrogiovani (1998) apud Cavalcanti (2002, p.40) acaba fortalecendo essa ideia quando afirma que “os mapas devem fazer parte do cotidiano escolar e não apenas nos dias específicos de Geografia. Devem ser vistos como uma possibilidade admirável de comunicação”. Assim, a utilização do mapa deve ir além das aulas de Cartografia, permitindo ao aluno interpretar e analisar fatos, sempre relacionando com aquilo que ele está acostumado a ver, pois isso possibilitará ao mesmo mapear sua realidade, analisar e refletir sobre os fenômenos sociais e desmistificar a ideia que o mapa serve apenas para localizar regiões.

Com o intuito de romper com as metodologias tradicionais, atualmente busca-se algo mais lúdico, que seja eficaz no processo ensino-aprendizagem, em que esse objetivo pode ser alcançado por meio do construtivismo, que possibilitará a construção do conhecimento a partir da relação professor-aluno, a certo modo, pode-se dizer que o grande segredo para desenvolver boas metodologias esteja em aplicar atividades que dê liberdade para o aluno se expressar, pontuando suas experiências e relatando sua percepção sobre os fenômenos que os cerca, pois se o foco da disciplina de Geografia é compreender o espaço geográfico em suas relações, nada melhor que colocar no centro das discussões o cotidiano dos próprios alunos.

Sabe-se que será uma tarefa difícil colocar fim nas metodologias tradicionais, já que ainda são propagadas nas escolas, porém o posicionamento do professor pode fazer toda a diferença, se ele utilizar as práticas de ensino tradicionais com um viés mais crítico os resultados serão positivos, pois a forma de aplicação de algumas metodologias proporcionará rumos contrários ao enfoque tradicional. Araújo et. al. (2012) aponta algumas práticas que se destacam se usadas da forma correta.

São algumas metodologias eficazes e que podem auxiliar o professor de geografia nessa perspectiva, a aula de campo, o seminário, o debate, a roda de leitura e posterior discussão entre alunos e professor. Metodologia que permitam haver um diálogo entre o aluno, o professor e o tema, até mesmo a aula expositiva, por vezes criticada, se for acompanhada de um diálogo, constitui-se em uma metodologia de ensino que cria espaço propício para a exposição de ideias e pensamento.

É possível compreender a importância de boas metodologias e é claro do papel do professor com relação às mesmas. No entanto, os obstáculos presentes na educação ou na própria formação docente fazem com que o professor não tenha interesse em busca de didáticas diferenciadas, assim o livro didático se torna o grande aliado, inseparável. Isso não diminui seu valor didático, pelo contrário, sabe-se o quanto é importante para o desenvolvimento da aula, mas não significa dizer que é o único meio de se trabalhar.

Neto e Barbosa (2010) chamam atenção sobre um aspecto que ocorre com frequência nas aulas de Geografia, é a leitura coletiva do livro didático, essa metodologia fortalece a ideia que a disciplina é enfadonha e o desinteresse pela mesma só aumentará, porque muita leitura vai deixar o aluno entediado ou mesmo desmotivado com os conteúdos geográficos. Portanto, o livro didático é um recurso auxiliar na atuação do professor, pois faz parte do conjunto de estratégias de ensino.

Supõe-se que a aplicação de metodologias diferenciadas na disciplina Geografia seja mais complicada, pelo fato de existir a concepção de que é decorativa. Desmistificar essa visão tem se tornando difícil para os professores, pois os alunos muitas vezes são inflexíveis e rejeitam todos os apontamentos sobre os aspectos geográficos, isso porque os mesmos já possuem uma visão predefinida da disciplina, no qual ela não apresenta nenhum significado para sua vida. Se o professor não conseguir desconstruir essa visão por meio de metodologias e conteúdos que se diferem dos demais, os educandos vão para outros níveis de ensino com essa noção que a Geografia serve unicamente para decorar conceitos.

Assim, as atividades de campo são um meio que possibilita o aluno compreender os fatos concretos e adquirir conhecimento por meio da sua própria concepção sobre as coisas observadas, já que antes de ir a campo é necessário que o aluno tenha conhecimento daquilo que ele vai analisar, ou seja, o professor deve ensinar conteúdos que estejam voltados para o objeto que será estudado, pois a pesquisa de campo pode servir como um reforço daquilo que foi abordado em sala. Segundo, Faria e Guadagnim, (2007) apud Araújo et. al. (2012)

Sair do ambiente escolar, por si só, gera um efeito geralmente positivo sobre o interesse dos alunos pelo conteúdo. Mas mais do que isso, atividades práticas fora do ambiente escolar são fundamentais no ensino de geografia, pois permitem ao professor a proposição de questões reais e de importância concreta para os alunos.

Apesar de ser uma atividade a priori simples de ser executada, é importante destacar que a pesquisa de campo deve possuir um significado para os alunos. Não se deve simplesmente tirar os mesmos do ambiente escolar, deve-se dá significado às coisas, demonstrar a importância que tal pesquisa tem para seu aprendizado e para seu cotidiano. Mas

uma vez reforçando a ideia de que certas metodologias devem ser aplicadas de acordo com contexto da escola e dos alunos, aprimorando-as por meio da necessidade que os educandos apresentam.

Analisando a atual situação do processo de ensino-aprendizagem da disciplina, percebe-se que um dos grandes desafios enfrentados pelo professor é atrair atenção dos alunos para os conteúdos geográficos, dessa forma, observa-se que algumas soluções estejam na adoção de conteúdos adequados associados à realidade dos alunos e na utilização de metodologias diferenciadas. Essas não são as únicas respostas para os anseios da disciplina, mas um posicionamento relevante para tais aspectos pode produzir ótimos resultados, pois poderá proporcionar um maior desenvolvimento cognitivo dos educandos.

É necessário compreender que o professor precisa utilizar metodologias diferenciadas, no intuito de tornar a aula mais dinâmica, alguns docentes alegam que a falta de materiais didáticos prejudica os novos rumos que se busca para a disciplina, porém com força de vontade e criatividade, os mesmos podem melhorar suas aulas, por exemplo, o uso de alguns recursos como revistas e jornais podem proporcionar bons resultados.

Os jogos didáticos também vêm ganhando espaço nos últimos anos, pois tem servido como ferramenta motivadora no processo de aprendizagem. É importante destacar que os jogos contribuem tanto para o aluno como para o professor, no qual de um lado ajuda o aluno a desenvolver seu raciocínio e de outro, o professor como mediador desse processo com o objetivo de estimular os educandos.

Analisando as metodologias mencionadas e tantas outras que visam melhorar o ensino buscam quase sempre o mesmo propósito, o de mostrar aos educandos o espaço produzido pelo homem, isso remete a ideia de Cavalcanti (2002) quando afirma que as atividades desenvolvidas entre professores e alunos constroem a Geografia, pois os jogos didáticos, aulas de campo, leituras de mapa vão ensinar os educandos a compreenderem seu espaço e sua participação na construção de seu lugar, isto é, sua visão sobre os fenômenos sociais serão mais amplas, despertando a criticidade sobre os fatos. De acordo com Cavalcanti (1998) apud Cavalcanti (2002, p. 33)

Ao construir geografia, eles também constroem conhecimentos sobre o que produzem, que são conhecimentos geográficos. Então, ao lidar com as coisas, fatos, processos, na prática social cotidiana, os indivíduos vão construindo e reconstruindo uma geografia e um conhecimento dessa geografia

Caso os objetivos das metodologias construtivistas fossem explorados de forma adequada, a educação conseguiria seguir outras direções, porém, muitas escolas públicas continuam com as práticas tradicionais, e essas novas metodologias são usadas poucas vezes,

apenas para dinamizar mais as aulas. Desta forma, é possível compreender que na teoria discorrer sobre metodologias diferenciadas é muito mais fácil do que colocá-las em prática em meio a tantos empecilhos que se encontra no caminho, falta mais diálogo entre professor e aluno, o distanciamento entre o conteúdo e a realidade do aluno é marcante, tais aspectos fortalecem o distanciamento do ensino do professor e o aprendizado do aluno. Na disciplina Geografia à uma escassez de recursos didáticos, os mapas são usados como um instrumento à parte, quando a escola ou o professor possui, falta atlas, globo terrestre e livros didáticos atualizados.

Todos esses problemas que cercam a realidade atual da educação têm prejudicado o aprendizado dos alunos, no qual as metodologias tradicionais dos professores aumentam o desinteresse dos alunos que se tornam inflexíveis. Por sua vez, os professores passam por diversas dificuldades na área, pois aos poucos vão perdendo o prazer de exercer sua função, e como consequência uma sociedade que busca na educação melhorias de vida e o que encontram é um sistema em crise, que se não mudar não conseguirá trilhar novos rumos para o ensino.

3.3 Tipos e Complexidades da Avaliação: como o professor de Geografia age ou deve agir? E o aluno, onde fica nesta história?

No contexto da sociedade atual o sistema educacional enfrenta diversos problemas, no qual tem causado distintas dificuldades no processo de aprendizagem dos alunos ou até mesmo tem agravado limitações que é próprio do educando. Essas complicações refletem diretamente no processo de avaliação, assunto que tem gerando muitas discussões, pois apesar de se apresentar a priori uma questão simples é de extrema importância para diagnosticar o desenvolvimento do ensino-aprendizagem.

Analisando as ações avaliativas vê-se que os indivíduos estão constantemente comparando e avaliando os fenômenos do seu cotidiano, por meio de suas reflexões sobre as coisas que o cerca. No âmbito das instituições também é necessário utilizar a avaliação, não só pelo fato de ser uma exigência do sistema educacional, mas por ser uma ferramenta importante para o próprio professor, já que será um meio do mesmo saber quais os conhecimentos que os alunos já possuem sobre determinada temática, será possível também compreender o desempenho dos educandos ao longo do processo de formação. Portanto, nota-se que avaliação não serve apenas para aprovar ou reprovar o aluno, mas refletir sobre todas as ações do educando e do professor na escola.

Como todo o contexto educacional sofreu diversas modificações ao longo dos anos, o processo avaliativo também passou por mudanças, isso porque uma série de fatores conseguiu influenciar essa nova concepção que estava surgindo sobre a educação. O papel do professor como mediador começava a ganhar espaço, todos esses aspectos que vinham se desenvolvendo demonstrava que o caráter avaliativo também deveria mudar, era o momento de redefinir o ato de avaliar nos níveis de ensino, superando a visão que avaliar se resumiria apenas em atribuir notas.

Mesmo com as mudanças que ocorreram, ainda existe uma grande problemática acerca do que é avaliar e a forma como deve ser aplicada nas escolas. Existem diversas concepções que visam discorrer sobre esse conceito e significado. Kraemer (2006) apud Oliveira (2008) et. al. afirma que “avaliação vem do latim, e significa valor ou mérito ao objeto em pesquisa, junção do ato de avaliar ao de medir os conhecimentos adquiridos pelo indivíduo”.

Outra percepção sobre o conceito é atribuída por Souza et. al. (2011, p. 2112) quando ressalta que “Avaliar vem do latim a + valere, e, segundo o Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa, significa “estabelecer o valor, (...) pensar ou determinar a intensidade, a qualidade de (...)”.

As duas concepções apontam que avaliar consiste em atribuir valor a algo. Trazendo essa percepção para os aspectos educacionais, avaliar atualmente refere-se basicamente a conferir notas aos alunos, com aplicação de provas e exames, pois pouco se sabe a respeito de outros métodos avaliativos que ocorre no âmbito das escolas, devido ao mau uso da mesma. Porém, avaliar o desempenho dos educandos é um instrumento muito importante para o desenvolvimento das práticas educacionais. De acordo com Libâneo (1991) apud Souza et. al. (2011, p. 2112)

Avaliação é uma tarefa essencial para o trabalho docente, já que apresenta uma grande complexidade de fatores e não se resume a simples realização de provas e atribuição e notas. O autor afirma que a mensuração fornece dados quantitativos que devem ser apreciados qualitativamente.

A ideia do autor remete a questão de que só aplicação de provas e testes não é o suficiente para o professor ter conhecimento se os alunos realmente estão aprendendo e se suas práticas de ensino estão adequadas ao contexto, logo esse método vem se tornando punitivo, sendo utilizado como uma forma de disciplinar os educandos. Essa atitude autoritária tem fortalecido o fracasso no processo de ensino-aprendizagem, pois faz com que as provas exijam do aluno a memorização de conceitos e nomenclaturas. Sobre essa percepção Sant’anna, (1998) apud Oliveira et. al. (2008, p. 2385) afirma que

Um processo pelo qual se procura identificar, aferir, investigar e analisar as modificações do comportamento e rendimento do aluno, do educador, do sistema, confirmando se a construção de conhecimento se processou, seja este teórico (mental) ou prático.

Avaliar requer do professor, analisar o comportamento dos educandos frente os desafios impostos e refletir sobre o próprio contexto escolar, no qual permitirá ao docente diagnosticar os problemas na aprendizagem ocasionados pela atuação do professor como pelos desafios enfrentados pela instituição. Isso permite compreender que o ato de avaliar não diz respeito apenas a medir o conhecimento, mas analisar todos os aspectos do aluno em sala e seu saber adquirido por meio da abordagem dos conteúdos.

A realidade de algumas instituições mostra que não existe uma única e perfeita forma de avaliar, existem diversos meios eficazes para diagnosticar a aprendizagem, mas a utilização de provas são compreendidas pelos professores como um meio de medir a aprendizagem sendo basicamente a principal ferramenta para a avaliação. É importante destacar que não são todos os professores que possuem essa concepção, há profissionais que observam a avaliação com o seu devido significado, o de obter elementos fundamentais sobre o processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Mas, são poucos os que vêm dessa forma. De fato, a ideia que cerca a avaliação reside na verificação se os alunos aprenderam os conteúdos abordados, no entanto nenhum resultado é alcançado, já que as provas muitas vezes não exigem do aluno seu entendimento sobre os temas abordados, mas a memorização daquilo que estar sendo discutido.

Essa utilização das provas e exames nas salas de aula tem fortalecido a concepção de que esse método de avaliação seja o grande vilão da história. Sobre esse aspecto Kimura (2010) destaca que as discussões sobre a superação das formas de uso das provas têm enraizado a ideia de que os professores que ainda utilizam essa prática são ultrapassados e conservadores. Portanto, mesmo sendo considerado um método de avaliação antigo ainda é considerado o principal instrumento desse processo.

A discussão sobre as formas de avaliação remete ao período de escolarização da progressão continuada também conhecida como aprovação automática, que tinha o objetivo de por fim na reprovação dos alunos e ampliar o acesso a educação, isso porque era uma espécie de estratégia para que as vagas nas escolas fossem ocupadas por novos educandos e não pelos numerosos repetentes. De acordo com a percepção de Kimura (2010) a rotulada progressão continuada não eliminou de fato a avaliação das instituições, mas proporcionou algumas modificações que desestabilizaram os meios de diagnosticar a aprendizagem.

De fato, é possível compreender que os debates sobre a avaliação não são questões debatidas apenas na atualidade, desde muito tempo se discute sobre as formas corretas de diagnosticar a aprendizagem dos educandos. Como já ressaltado, a aplicação de provas e testes construíram a ideia que o meio mais prático para examinar o conhecimento adquirido era a partir desse método, porém no decorrer dos avanços educacionais a avaliação foi se adequando aos paradigmas vigentes, ganhando novos espaços e conceitos.

Isso não significa dizer que todo o contexto avaliativo mudou por completo, mas se pode analisar que os métodos de medir o saber dos alunos passaram por profundas modificações. Pode-se observar na passagem de Brandão (2007, p. 73) que a LDB – Lei de Diretrizes e Bases (BRASIL, 1996) estabeleceu, dentre outros, no seu artigo 24, inciso V, que “avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais (alínea a)”.

Essa ideia traz a discussão um aspecto importante, que diz respeito ao ato avaliativo ser contínuo e cumulativo isso porque a aprendizagem ocorre diariamente, no qual vai ocorrendo a acumulação do conhecimento, isto é, o aluno não vai conseguir aprender tudo que for ensinado em uma única vez, seus saberes serão construídos aos poucos. É necessário destacar que essa percepção cumulativa não defina o aluno com mero receptor e que o contínuo não está relacionado apenas ao resultado final, como acontece. Pelo contrário, o aprendizado deve acontecer de forma conjunta entre professor e aluno, destacando a importância do diálogo entre ambos.

Por sua vez, o processo avaliativo tem como foco encontrar os problemas que os alunos apresentam ao longo de sua formação cognitiva, para então encontrar possíveis soluções, com o intuito de superar as deficiências presente no interior das escolas. Portanto, avaliar não se resume em atribuir notas, mas analisar todas as atividades e comportamentos em sala, pois assim, será possível intervir nas dificuldades que o educando apresentar com o objetivo de resgatar a aprendizagem satisfatória. Tais metas não serão alcançadas caso esteja sendo pautada apenas na aplicação de prova no fim de cada bimestre.

É de fundamental importância destacar que o processo de avaliação ocorre durante todo o processo de ensino-aprendizagem. Assim, se pode afirmar que existem três modalidades de avaliação, sendo diagnóstica, formativa e somativa. Esses modelos atuam de forma diferente no contexto escolar, porém não podem ser tratadas separadamente.

A avaliação diagnóstica é utilizada para encontrar informações acerca dos conhecimentos que os alunos possuem antes de dar início ao processo de ensino-

aprendizagem, visa detectar a presença ou ausências de certas capacidades do educando. Essa forma de avaliar busca averiguar a aprendizagem dos conteúdos posteriores, que serviram de fundamento para a criação de um diagnóstico que seja capaz de resolver problemas no futuro.

Oliveira et. al. (2008, p. 2387) afirma que

Ao refletir sobre a função da avaliação diagnóstica, a ênfase dada é identificar os conteúdos e competências, objetivando saber qual nível encontra-se o aluno, bem como destacar que seu principal foco não é voltado á nota, mais em um diagnóstico para compreender o processo da produção do conhecimento.

Souza et. al. (2011) apresenta uma concepção parecida sobre a avaliação diagnóstica, no qual ressalta que o objetivo desse método é verificar os meios que os alunos utilizaram para lidar com novas aprendizagens, juntamente com suas experiências adquiridas socialmente. Portanto, se pode compreender que esse tipo de avaliação tem como base os conhecimentos prévios dos alunos sobre os conteúdos que serão abordados.

A avaliação formativa permite detectar se os alunos estão realmente alcançando os objetivos almejados pelo professor, analisando se os resultados são compatíveis com as atividades propostas. Esse método passa a representar o principal meio no qual professor e aluno percebam seus erros e acertos, isto é, esse tipo de avaliação permite analisar o conhecimento do aluno e o desenvolvimento do trabalho docente. Sobre essa modalidade Oliveira (2002) apud Souza et. al. (2011, p. 2113) ressalta “a avaliação formativa visa informar ao professor e ao aluno o rendimento da aprendizagem no decorrer das atividades escolares e a localização das deficiências na organização do ensino para possibilitar correção e recuperação”. A percepção de Blaya (2007) apud Oliveira et. al. (2008, p. 2388) sobre a avaliação formativa:

A forma de avaliação em que a preocupação central reside em coletar dados para reorientação do processo de ensino-aprendizagem. Trata-se de uma “bússola orientadora” do processo de ensino-aprendizagem. A avaliação formativa não deve assim exprimir-se através de uma nota, mas sim por meio de comentários.

Essa concepção mostra que esse tipo de avaliação requer uma coleta de dados que proporcione ao docente identificar as dificuldades no aprendizado do aluno, permitindo ao mesmo reformular suas ações didáticas. Portanto, os dados fornecidos por esse método de avaliação, possibilitará ao professor acompanhar o desenvolvimento do educando durante todo o processo de ensino.

A avaliação somativa tem por finalidade analisar o domínio que o educando possui sobre determinada conhecimento, em outras palavras, essa modalidade avaliativa permite compreender o nível de rendimento do aprendizado, tem como princípio classificar os educandos no final de cada período de aprendizagem, dessa forma, busca mostrar os

progressos do aluno a partir do que foi coletado durante a avaliação formativa. Oliveira (2002) apud Souza et. al. (2011, p. 2114) fortalece essa concepção sobre a avaliação somativa quando afirma “determinar o grau de domínio do aluno em área de aprendizagem, o que permite conferir uma qualificação que por, sua vez, pode ser utilizada como um sinal de competência da aprendizagem ao final de um período de aprendizagem”.

Assim é importante destacar que a avaliação somativa refere-se ao balanço final, no qual verificará se os objetivos planejados foram alcançados, isto é, uma visão geral sobre a aprendizagem do aluno. Isso permite observar a ligação que existe entre a avaliação formativa e a avaliação somativa, na qual uma completa a outra.

As modalidades avaliativas mostram que a aplicação de provas não é o único meio de verificar a aprendizagem dos educandos, existe também outras formas de avaliar como a pesquisa, seminário, debate, rodas de leitura, relatórios, entre outros. Não significar dizer que as provas precisem ser extintas do contexto escolar, mas que sejam apenas um instrumento avaliativo para diagnosticar dificuldades de todo processo formativo do educando, não é suficiente para o professor analisar o conhecimento que os alunos estão formando.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia é uma importante ferramenta na construção de um trabalho científico, pois fornece um conjunto de técnicas para o melhor desempenho da pesquisa, no qual permite ao pesquisador delimitar seu objeto de estudo, buscando responder as indagações impostas. Segundo Minayo (2011) a metodologia ocupa uma um posicionamento de destaque no âmbito das teorias, isso significa dizer que é muito importante a escolha de bons métodos de pesquisa, pois será através dessa seleção que se alcançará as respostas para a problemática levantada, pois o método pode ser compreendido com um conjunto de meios utilizados em uma investigação

A priori foi feito um levantamento bibliográfico sobre a temática, no qual se teve acesso a diversas obras que discorrem a respeito de metodologias, conteúdos geográficos que compõe o currículo e avaliação. A partir das primeiras leituras e análises críticas ao material, foi possível selecionar algumas obras para fundamentação teórica do trabalho.

Dessa forma, a partir da formulação do problema e das hipóteses da pesquisa, optou-se em trabalhar com o método qualitativo, que tem por objetivo explicar de forma detalhada características e significados de resultados alcançados por meio de informações de pesquisa documental, oral, entre outros. Minayo (2001) apud Gerhardt e Silveira (2009, p. 32) discorre que a “pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos”. Gerhardt e Silveira (2009, p. 32) atribuem o seguinte conceito ao método qualitativo

Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens.

A pesquisa qualitativa trabalha com dados, mas não são expressos de forma numérica, isto é, busca apontar conceito e agrupá-los, porém sem atribuir nenhum valor numérico. Assim, a utilização desse método busca descrever e analisar a complexidade de determinado fato ou objeto, tendo como fundamentações a narração e a descrição. Não significa dizer que é mera observação, pois o pesquisador vai além de analisar, passará a conviver com seu objeto de pesquisa. Portanto, se pode afirmar que o método qualitativo é pautado na descrição, observação e compreensão do seu objeto de estudo.

O problema gerador da pesquisa se refere aos aspectos no processo de ensino-aprendizagem da disciplina Geografia na Escola Municipal Raimundo Nonato Bogéa Ribeiro,

no qual para compreender as dificuldades nesse processo, foram feitas observações e análises na atuação do docente de Geografia frente aos saberes geográficos. Para conseguir alcançar os objetivos da pesquisa, foi aplicado a entrevista do tipo semi-estruturada, um dos principais meios de coleta de dados no método qualitativo. Segundo a percepção de Boni e Quaresma (2005, p. 72)

a entrevista como coleta de dados sobre um determinado tema científico é a técnica mais utilizada no processo de trabalho de campo. Através dela os pesquisadores buscam obter informações, ou seja, coletar dados objetivos e subjetivos. Os dados objetivos podem ser obtidos também através de fontes secundárias tais como: censos, estatísticas, etc. Já os dados subjetivos só poderão ser obtidos através da entrevista, pois que, eles se relacionam com os valores, às atitudes e às opiniões dos sujeitos entrevistados.

Partindo desse pressuposto, a entrevista semi-estrutura foi aplicada com o intuito de obter dados sobre o ensino da disciplina, no qual foi realizada com o professor de Geografia da escola referida, contendo 10 questões. É importante destacar que é uma técnica muito importante para uma pesquisa qualitativa, pois permite maior liberdade para os entrevistados discutirem a respeito do que esta sendo abordado, como também permite ao entrevistador analisar o que está sendo relatado. As vantagens de utilizar tal técnica implicam no fato de poder ser utilizada em vários segmentos, mostrando resultados, esclarecendo indagações, apresentando novos conceitos e significados, possibilitando ao entrevistado ser observado a partir das informações fornecidas. Boni e Quaresma (2005, p. 75) ainda acrescentam que

as técnicas de entrevista aberta e semi-estruturada também têm como vantagem a sua elasticidade quanto à duração, permitindo uma cobertura mais profunda sobre determinados assuntos. Além disso, a interação entre o entrevistador e o entrevistado favorece as respostas espontâneas. Elas também são possibilitadoras de uma abertura e proximidade maior entre entrevistador e entrevistado, o que permite ao entrevistador tocar em assuntos mais complexos e delicados, ou seja, quanto menos estruturada a entrevista maior será o favorecimento de uma troca mais afetiva entre as duas partes.

Com os alunos foi empregado o grupo focal. É uma técnica muito utilizada em pesquisas qualitativas, pois permite ao pesquisador observar a interação das pessoas com relação a tema proposto, em outras palavras, se pode afirmar que a utilização desse método não busca uma única resposta, e sim uma diversidade de ideias. Sobre esse aspecto, Morgan (1997) apud Gui (2003, p. 140) ressalta:

a marca registrada do grupo focal é a utilização explícita da interação do grupo para produzir dados e insights que seria menos acessível sem a interação produzida em grupo. A principal vantagem do grupo focal é a oportunidade de observar uma grande quantidade de interação a respeito de um tema em um período de tempo limitado.

Tal ideia possibilita afirmar que esse método resulta em diversas percepções sobre determinada temática, em contrapartida a entrevista individual o grupo focal permite observar

a interação de um número de pessoas, expõe diferentes experiências. Assim, optou-se pela técnica de grupo focal, pois a pesquisa se desenvolveu a partir de observações e análises feitas em turmas do 6º e 7º ano “A” e “B”, o que permitiu uma discussão informal e ágil. O foco central reside em compreender a percepção dos participantes sobre a temática. Desta forma, elaborou-se 6 questões para o grupo focal, no qual foram selecionados 5 alunos de cada ano, contabilizando um total de 20 alunos.

Essa técnica possibilitou uma compreensão mais ampla sobre a concepção dos discentes a respeito das práticas de ensino utilizada em sala de aula e até mesmo o ponto de vista sobre as mudanças que gostariam que ocorressem. Para melhor enriquecimento do trabalho foi possível registrar algumas imagens de momentos importantes que ocorreram no desenvolvimento da pesquisa, no qual se optou por apresentá-las nos apêndices do presente trabalho.

5. O ENSINO-APRENDIZAGEM NA GEOGRAFIA COMO PRAXIS: O CASO DA ESCOLA RAIMUNDO NONATO BOGEA RIBEIRO EM GRAJAÚ, MA

5.1 Os conteúdos geográficos: como são explorados? De que forma os alunos absorvem?

Visando atingir os objetivos da pesquisa de analisar os obstáculos do ensino-aprendizagem da disciplina de Geografia da referida escola, foi aplicada uma entrevista semi-estruturada ao professor de Geografia da Escola, que aqui será denominado de professor Roberto para preservar sua identidade. O mesmo é licenciado em Geografia, no qual concluiu seu curso pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), no ano de 2004, por meio do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica (PROCAD) no próprio município de Grajaú. Segundo seus relatos sua experiência profissional é de quatorze anos, possuindo uma carga horária semanal de trabalho de 40 horas, sendo 20 horas no turno matutino e 20 horas no vespertino.

A partir das análises feitas durante as aulas do professor foi possível notar alguns problemas que tem prejudicado o ensino-aprendizagem da disciplina, a má formação, por exemplo, foi um aspecto que se destacou, no qual tem justificado a ausência de um bom ensino de Geografia, isto é, sua atuação em sala tem desmotivado os alunos já que as aulas são conteudistas e decorativas. Tal questão ficou comprovada quando os alunos foram indagados sobre a concepção que tinham sobre a disciplina, grande parte dos discentes que participaram do grupo focal responderam que gostam de estudar os conteúdos geográficos, porém as aulas são monótonas por possuir caráter bastante informativo.

Apesar de o professor ser formado na área, pode-se observar suas dificuldades para lidar com os conteúdos geográficos, no qual ele possui o controle dos conteúdos, entretanto apresenta dificuldade na transposição didática. Assim, foi possível compreender que alunos já possuem de certo modo a visão de que a Geografia é enfadonha e as aulas da disciplina na escola só reforçam essa concepção, pois são mecanizadas, onde nada de novo ocorre. Esse aspecto se torna ainda mais grave pela falta de uma formação continuada, ou seja, segundo os relatos do professor Roberto a Secretária de Educação do município não oferece encontros pedagógicos, não estimula a participação em congressos e nenhum outro aspecto que possa aprimorar seus conhecimentos e sua atuação em sala.

Sabe-se que é importante o professor possuir uma boa qualificação, pois isso irá implicar no desenvolvimento cognitivo do discente, que não são estimulados a aprender os

conteúdos de Geografia e muito menos de compreender a relevância desses saberes para seus cotidianos. Sobre esse aspecto Kaercher (2009) apud Neto e Barbosa (2010, p. 164) ressalta

Este ensino continua desacreditado, os alunos, no geral, não têm mais paciência para ouvir os professores. É preciso fazer com que o aluno perceba qual a importância do espaço na constituição de sua individualidade e da sociedade da qual faz parte. Nessa perspectiva, há a necessidade de se considerar o saber e a realidade do aluno como referência para o estudo do espaço geográfico.

A ideia desse autor remete a outra questão pertinente observada nas aulas do professor Roberto, que se refere à relação dos conteúdos geográficos com a realidade dos alunos. Na entrevista e no grupo focal foi aplicada a seguinte questão: Os conteúdos que são trabalhados em sala estão sendo relacionados com a realidade dos alunos? Para essa indagação se teve duas respostas distintas, no qual o professor disse claramente que sim e os alunos afirmaram que não, onde um deles do 6º ano B ressaltou, *“teve uma vez que o professor Roberto tava explicando sobre poluição que ele falou sobre o rio Grajaú”*. Significa dizer que essa relação não ocorre com frequência e que os conteúdos abordados durante as aulas estão desvinculados do cotidiano dos mesmos.

Entende-se que os objetivos do processo ensino-aprendizagem da disciplina estão intimamente relacionados com as questões espaciais das práticas sociais, isso é importante que se faça para que os discentes tenham consciência da relevância da Geografia para compreender aquilo que o cerca. Cavalcanti (1998, p. 24) afirma:

Portanto, a consciência do espaço, ou a consciência da “geografia” do mundo, deve ser construída no decurso da formação humana, incluindo aí a formação escolar. Nesse sentido, o ensino de Geografia deve visar ao desenvolvimento da capacidade de apreensão da realidade do ponto de vista da sua espacialidade.

Dessa forma, sabe-se que a finalidade da disciplina consiste em ajudar o aluno a formar um raciocínio mais aprofundando sobre os aspectos espaciais. Isso porque, o discente deve possuir uma visão crítica sobre os fatos e fenômenos que acontecem em seu meio social. Sobre essa concepção Kimura (2010, p. 76) frisa que “o critério para a escolha dos conteúdos a serem desenvolvidos deve ser a relevância social dos mesmos”. Nessa perspectiva, é possível discorrer que os conteúdos geográficos devem possuir um significado para o aluno, no qual ele consiga ver no seu cotidiano aquilo que ele estuda na escola e atribua um sentido ao mesmo.

Por sua vez, não foi possível notar que houve com frequência nas aulas de Geografia essa relação entre conteúdo e realidade. Observou-se apenas aulas enfadonhas com práticas decorativas que não estimulam o aluno a pensar e a ver criticamente as coisas, em nenhum momento foi possível observar debates sobre os temas abordados ou uma participação mais

ativa dos alunos durante as aulas, o máximo que se analisou foram leituras dirigidas do livro didático e apresentações de trabalho.

Assim, as dificuldades no ensino da disciplina de Geografia têm implicado no aprendizado dos alunos que não conseguem absorver os conteúdos geográficos de forma produtiva, pois as estratégias de ensino têm favorecido as práticas de memorização. No que foi possível analisar os discentes possuem um saber fragmentado com pouco conhecimento sobre os conceitos geográficos.

Esse é mais um dos pontos negativos no processo de ensino-aprendizagem da disciplina na escola, que tem ocasionado a péssima qualidade de seu desenvolvimento. Com relação a isso seria de grande importância se houvesse mudanças por parte do professor em abordar de diferentes formas os conteúdos geográficos, pois a concepção da disciplina para os alunos seria distinta, isto é, não haveria essa carga tão negativa de que é tediosa.

Supõe-se também que a Secretaria de Educação pudesse dar um suporte maior para os professores do Ensino Fundamental do município por meio de congressos, eventos, cursinhos entre outros, no intuito de capacitá-los e prepará-los para saberem lidar com os obstáculos diários, fornecer recursos didáticos para a escola faria grande diferença na realidade que se encontra. Tais mudanças beneficiariam tanto o professor quanto os alunos.

5.2 Metodologias de ensino como produtoras de múltiplas geografias ou como enfadonha repetição?

Para o melhor desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem da disciplina é necessário que haja uma articulação entre as metodologias e os conteúdos, no qual as práticas pedagógicas devem despertar no aluno o interesse em compreender os conteúdos geográficos, como também esteja de acordo com a realidade dos alunos, isso porque, quando são desvinculados perdem seu devido valor.

Com relação às metodologias aplicadas nas aulas do professor Roberto, foi possível notar algumas dificuldades, pois quando foi questionado sobre a utilização das mesmas para ele, respondeu: *“as práticas pedagógicas que utilizo são livro didático, mapas e textos complementares, no entanto o livro acaba sendo o mais utilizado”*. Já os alunos afirmaram que o livro didático é o único recurso que o professor costuma usar. E com base nas análises feitas durante as aulas não foi possível observar outra metodologia além da leitura coletiva do livro.

Sabe-se, o quando é importante a escolha de metodologias eficazes para o ensino da disciplina, porém as aulas de Geografia na escola encontram-se presas ao livro didático sem

recorrer a nenhum outro meio. Sobre essa concepção Sousa Neto (2008) apud Neto e Barbosa (2010) afirma “se a formação profissional for desqualificada, os professores tenderão a ver nos livros e nos currículos prescritos a sua tábua de salvação e reproduzirão exatamente aquilo que está colada nas páginas”. Essa é exatamente a realidade da escola, pois é como se não houvesse um planejamento das aulas e o livro fosse à forma mais simples de ensinar, já que tem os conteúdos quase que decorados. Todos esses aspectos, fazem com que a visão pessimista dos alunos com a disciplina só aumente, reforçando a ideia de que é enfadonha e cansativa.

Um dos pontos positivos é que o livro didático possui um conteúdo adequado para as turmas, que se utilizado de forma correta, pode contribuir bastante na construção do raciocínio geográfico dos alunos. Porém não há uma abordagem coerente, no qual durante as aulas não se ver exploração das imagens contidas nos livros e nem tão pouco os mapas, isso porque apesar de ser um instrumento importante para o ensino da disciplina os mapas são poucos utilizados, e das raríssimas vezes que foi usado foi visto como um conteúdo a parte. Cavalcanti (2002) discorre sobre a importância de se trabalhar a cartografia nas aulas de Geografia, já que desenvolve no aluno a capacidade de mapear a realidade e de ler mapas como também habilitá-los as questões de orientação e localização, etc.

Uma das questões feitas aos alunos sobre as metodologias foi à seguinte: no seu ponto de vista o que deveria mudar nas metodologias utilizadas pelo professor? Um deles respondeu “*As aulas de Geografia é muita chata e sem graça, todos os dia é a mesma coisa, não muda nada. Eu queria que as aulas fossem mais dinâmicas, com umas coisas diferentes, além do livro*”. Por meio das respostas foi possível notar que os alunos se sentem incomodados com as metodologias que o professor utiliza, ou seja, essa mesmice das aulas desestimula o discente, a Geografia é vista por eles com uma disciplina que esta no currículo e que são obrigados a cumprir para serem aprovados, pois não possui nenhum significado para os mesmos.

A justificativa do professor Roberto para esse desinteresse dos alunos com a disciplina é a falta de recursos didáticos, falta de espaço físico, falta de meios tecnológicos entre outros. De fato, a ausência desses fatores implica no ensino da disciplina, pois realmente a essa escassez de recursos na escola que tem contribuído para o péssimo desenvolvimento dos saberes geográficos nos alunos. Porém, existem metodologias que não requerem tantos recursos materiais para um resultado eficaz. Araújo et. al. (2012) destaca algumas metodologias que podem auxiliar o professor no processo de ensino-aprendizagem, como seminários, aula de campo, debates, rodas de leitura, discussões de temas entre professor e alunos, entre outro.

Tais metodologias permitem um diálogo, fazendo com que os alunos tenham uma participação maior nas aulas, fugindo dos métodos tradicionais de ensino, onde os professores são os únicos portadores da verdade, atualmente o construtivismo traz outra concepção de ensino, no qual o aluno é um sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, pode-se compreender que essa falta de metodologias está contribuindo na má formação dos alunos, pois só a utilização do livro didático não é o suficiente, fazer com que os alunos apresentem trabalhos que não estimulem a expor suas concepções sobre o que esta sendo abordado não fará nenhum sentido.

Assim, pode-se compreender a importância da função do professor na formação cognitiva do aluno. Cavalcanti (2002, p.32) ressalta um aspecto muito interessante, quando afirma, “no ensino, a construção do conhecimento do aluno é socialmente mediada. Não é uma atividade consciente e intencionalmente dirigida por outro agente, que é o professor.” Isso significa dizer que o docente é o responsável por mediar esse conhecimento e para isso é necessário metodologias que desenvolvam no aluno a criticidade, a criatividade e o raciocínio geográfico, isto é, uma junção entre boas metodologias e conteúdos que estejam relacionados com a realidade dos alunos.

Por sua vez, se depender do professor Roberto mudar a visão dos alunos sobre a disciplina, não haverá mudanças significativas, pois quando questionado sobre o seu posicionamento para mudar a ideia dos discentes de que a Geografia é enfadonha ele respondeu: “*O espaço físico da escola é bastante pequeno, salas pequenas, turmas lotadas. levo mais textos que mostre a realidade do mundo globalizado*”. Realmente a essa falta de espaço na escola que atrapalha o desenvolvimento da disciplina, mas a resposta fugiu totalmente do contexto. Só mostrar esse mundo globalizado para os alunos não mudará ou desconstruirá a visão dos alunos sobre a mesma.

Existem diversas metodologias que podem ser utilizadas para melhorar o ensino da disciplina, no entanto, não é uma tarefa fácil superar as dificuldades recorrentes das percepções negativa dos alunos, a de se repensar as práticas pedagógicas e todo o contexto da escola para encontrar uma solução do processo de ensino-aprendizagem na escola. É necessário que haja um interesse maior do professor em buscar metodologias diferenciadas, que se adequem a realidade dos alunos e da própria instituição, essa prisão ao livro didático que o professor se encontra deve ser superada, isto é, será necessário um planejamento maior, com a inserção de textos complementares, vídeos, filmes, imagens, maquetes, aula de campo, entre outros.

5.3 Avaliação na Geografia: obrigação do ensino ou processo de entendimento do espaço e do mundo?

De acordo com Kimura (2010), atualmente os professores utilizam diversos tipos de avaliação em sala, mas a prova ou teste se destacam talvez uma das explicações para os fracassos escolares, pois só a utilização desses métodos avaliativos não são o suficiente para o professor analisar se aluno esta realmente aprendendo.

Analisando esse aspecto na escola foi possível observar alguns pontos relevantes. Quando o professor Roberto foi questionado sobre os métodos avaliativos que utilizava em sala, respondeu: “*Costumo passar trabalhos, pesquisas, debates e provas bimestrais.*” A mesma questão foi feita aos alunos, onde afirmaram que os meios avaliativos mais utilizados pelo professor são atividades do livro didático que normalmente o professor atribui um ponto a quem faz, atividades avaliativas, trabalhos em grupo, participação nas aulas e provas bimestrais.

De fato, esses meios avaliativos são utilizados tanto nas turmas de 6º ano “A” e “B” quanto as do 7º ano “A” e “B”, no entanto tais métodos não mostram ao professor se os alunos estão aprendendo, pois as atividades que são passadas do livro didático não são corrigidas, existe apenas o visto para saber quem fez e quem não fez, os trabalhos em grupos que são apresentados não expõem o conhecimento dos alunos sobre a temática abordada já que eles pegam textos da internet e fazem a leitura ou decoram algumas coisas para falarem.

Essas práticas avaliativas só possuem uma utilidade para o professor que é atribuir uma nota, pois diagnosticar se aprenderam é impossível. Kimura (2010) sobre esses aspectos, destaca que a avaliação é uma exigência do sistema educacional, mas que também serve para o professor diagnosticar os alunos, porém, na realidade da escola apesar de usarem diferentes métodos de verificar o conhecimento dos alunos, esses meios só servem para atribuir nota aos mesmos, quanto ao desenvolvimento cognitivo pouco se sabe.

As provas bimestrais também apresentam alguns problemas, no qual os alunos são estimulados a memorizar questões para responderem, por exemplo, o professor elabora um questionário com 15 questões, onde 10 caíram na prova, os alunos não iram aprender nada vão apenas decorar. Em algumas aulas, pode-se observar na atuação do professor Roberto práticas do paradigma tradicional, que segundo Oliveira et. al. (2008, p. 2390) “o paradigma tradicional prioriza a memorização e repetição, ao aluno destaca-se a passividade, apenas receptor de conteúdos, sem questionamentos ou interferências”.

Essas práticas avaliativas não estão sendo utilizadas da forma correta, pelo contrário, esta os estimulando a decorarem, faz com que os alunos se sintam ameaçados pelos

professores como também são pressionados, tudo isso influencia no processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, os meios avaliativos não devem ser usados por obrigação para atribuir uma nota, mas verificar o ensino-aprendizagem como um todo, pois fornecerá informações sobre os conhecimentos adquiridos do aluno como permitirá analisar as próprias práticas de ensino do professor.

5.4 A Avaliação como um meio e não como um fim no processo de ensino-aprendizagem: novos caminhos por traçar

Durante a pesquisa desenvolvida na escola, pode-se ter acesso a alguns documentos inclusive o Projeto Político Pedagógico (PPP) que contém informações importantes, a destacar as três modalidades avaliativas, sendo a diagnóstica, formativa e a somativa. Analisando o conceito de cada uma, não foi possível observar que esses tipos de avaliação são aplicados na prática, pois o professor antes de iniciar as aulas não questionar ou procurar saber o conhecimento dos alunos sobre aquilo que será abordado como também não utiliza nenhum método que visa verificar o que aprendeu.

Tais práticas são de extrema importância para avaliar, Souza et. al. (2011) destaca que avaliação diagnóstica serve para diagnosticar, isto é, verificar a presença ou ausência de pré-requisitos para aprender novos conteúdos, pode-se dizer que questionar e analisar os conhecimento dos alunos antes de iniciar as discussões é um método avaliativo, pois permite ao professor saber as dificuldades ou pré-noções que os alunos possuem. Esse meio de avaliar não foi visto durante as análises na escola.

Ainda na concepção do autor a avaliação formativa tem a função de classificar, significar dizer que esse método possibilita ao professor averiguar se os objetivos estão sendo alcançados. Pode-se dizer que o trabalho que o professor passa nas turmas dá a oportunidade de perceber se os alunos estão aprendendo os conteúdos, porém os trabalhos não são analisados da forma que deveriam isso porque, os alunos não são instigados sobre o que estão argumentando, o fato de ser feito é o suficiente.

Por fim, Souza et. al. (2010) ressalta sobre a avaliação somativa, que tem o papel de classificar os alunos a partir do que aprenderam durante o processo de ensino-aprendizagem. Esse método é utilizado no fim de cada período, tal prática é visível na escola, no entanto não possui esse caráter de determinar o grau de conhecimento.

Quando questionado sobre os índices de reprovação na escola, o professor Roberto respondeu: *“Aqui na escola poucos alunos reprovam, logo que se a gente reprovar um, o pai vem questionar com a diretora, aí querendo ou não tem que aprovar, porque é como se a*

culpa fosse só do professor”. Realmente esse apontamento é verídico, no fim do ano letivo de 2015, foi possível observar isso na escola, alunos que não tinham capacidades de serem aprovados, passaram de ano, por meio de atividades e trabalhos extras. Supõe-se que esses alunos não conseguiram atingir os conhecimentos previstos e planejados, mas passaram para outro ano, ou seja, eles terão dificuldades futuras já que não tiveram um bom preparo.

Percebe-se que essa realidade prejudica o ensino da disciplina, no qual necessita ser superada, em outras palavras, é possível afirmar que os métodos avaliativos utilizados na escola precisam de mudanças significativas, pois deve ocorrer de forma contínua não se resumindo apenas a prova no final dos bimestres ou atribuição de notas.

Segundo Oliveira et. al. (2008, p. 2395) “a avaliação como um instrumento de reflexão que poderá gerar mudanças na prática pedagógica, objetivando perceber que esta não é o fim, mas sim um meio”. Essa ideia faz compreender que avaliação não ocorre apenas por meio de correções de provas ou testes, como é o caso dos métodos avaliativos usados na escola, a necessidade de se analisar criteriosamente o desenvolvimento das turmas para que haja um melhor aproveitamento do que está sendo ensinado.

E importante que o professor estabeleça um diagnóstico correto para os alunos para verificar as possíveis dificuldades objetivando uma melhor formação cognitiva, indo além da quantificação aquilo que os alunos estão aprendendo. Esse apontamento permite analisar a visão de Sant’ Anna (1998) apud Oliveira et. al. (2008, p. 2393) quando afirma “a avaliação não é um instrumento para medir o rendimento do aluno, mas o conjunto de ensino-aprendizagem”.

Isso porque, a utilização das práticas avaliativas não irá favorecer só o aluno, mas a todos os envolvidos nesse processo. Em suma, há de se repensar os métodos avaliativos e a forma como estão sendo utilizados nas aulas de Geografia na escola, pois quando os discentes foram indagados se eles acreditavam que os meios avaliativos usados pelo professor mostravam que estavam aprendendo, a maioria deles disseram que não, porque eles apenas decoram, logo esquecem os conteúdos. Pode-se assim afirmar que os alunos não estão satisfeitos com os meios avaliativos que o professor utiliza e que o mesmo deverá refletir sobre as dificuldades dos alunos como também se suas metodologias estão adequadas e se seus alunos estão realmente aprendendo os conteúdos que estão sendo abordados.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação corresponde a uma variedade de influências que convergem para a formação de ideias, valores e modo de agir. Nesse sentido, o sistema educacional pode propiciar grandes experiências possibilitando ao aluno sua formação cognitiva, no qual o professor deve estar sempre buscando algo novo através da didática, levar para as instituições formas que o ajude no seu desenvolvimento profissional, e não deverá se prender a modelos predefinidos, mas criar métodos que venham a se adequar aos alunos.

No entanto, esse perfil que se almeja para a educação não se concretiza pelos diversos fatores negativos que não permitem um avanço no processo de ensino-aprendizagem, obstáculos esses que são justificados por desqualificação docente, precariedade no ensino, ausência de recursos didáticos, e outras imensidades de dificuldades, que acabam ocasionando outros problemas e assim a educação vai sendo levada, repleta de mazelas, no qual se sabe a origem e as soluções, mas que continua estagnada em uma realidade que pouco tem contribuído na vida das pessoas.

Lidar diariamente com tal realidade desestimula o professor que ao mesmo tempo não consegue passar ao aluno a importância da se ter conhecimento. No caso do ensino da Geografia, além de todos os problemas que existem acerca da educação à presença do caráter pessimista dos discentes de que a disciplina é decorativa e enfadonha e isso só reforça as dificuldades. Esse contexto permitiu fazer uma pesquisa que busca respostas para inquietações no que diz respeito aos obstáculos no processo de ensino-aprendizagem da Geografia, isso porque acompanhar a rotina da escola permitiu uma ampla concepção desse processo, levando a perceber que a realidade da instituição não é uma particularidade só sua, mais de grande parte das escolas do município, o que torna essa situação ainda mais complexa.

Dessa forma, através da pesquisa foi possível perceber que a má formação docente pode justificar muito dos problemas observados nas aulas da disciplina, pois o mesmo utiliza métodos tradicionais de ensino, estimula os alunos a memorizar conteúdos, onde os mesmos não são instigados a serem críticos e criativos. Sabe-se que para que o processo de ensino-aprendizagem seja bem sucedido, o docente precisa assumir o papel de mediador, fazendo com que a relação professor-aluno possa se construir como verdadeira colocação entre e o grupo em sala, caracterizada pela autenticidade, pela segurança e pelo respeito no desenvolvimento.

Sua atuação em sala de aula mostra um professor com domínio de conteúdo, sua relação com os alunos é agradável, porém é visível que não a planejamento e o livro didático se torna o meio mais viável de da aula já que sabe os conteúdos quase que decorados. A falta de material didático, recurso tecnológicos e até mesmo de espaço físico na escola se torna a justificativa para suas aulas monótonas. Isso não significa dizer que esses fatores sejam desnecessários, pelo contrário, são muito importantes, mas quando a ausência desses meios a boa vontade do professor deve persistir em buscar métodos que possam contribuir no desenvolvimento do aluno com aquilo que esta a seu alcance.

Por meio das análises foi possível perceber que o desinteresse dos alunos com a disciplina se da pelo fato dos conteúdos geográficos não possuir nenhum vínculo com aquilo no qual eles vivenciam diariamente, os conceitos não são abordados de forma correta fazendo como que os alunos não atribuam nenhum sentido a Geografia, esses apontamentos tem ocasionado aulas exaustivas com muitos conteúdos e leitura dirigida. No que pode-se observar as turmas nunca fizeram aula de campo ou tiveram algo mais dinâmico, sabe-se o quanto é importante fazer com que os alunos percebam em seu meio aspectos que ele já tenha estudado, pois é importante que os discente consigam fazer comparativos e que compreenda o espaço geográfico.

Outro ponto relevante refere-se ao ensino da cartografia, em todas as salas da escola possui um mapa na parede, onde durante todo desenvolvimento da pesquisa o mapa foi mencionado apenas em uma aula, isso significa dizer que no ensino da disciplina de Geografia não a utilização desse recurso. Dessa forma, percebe-se fatos contraditórios, no qual a entrevista mostro que o professor afirma que a falta de meios didáticos atrapalham seu trabalho, porém não utiliza os que estão disponíveis na escola.

Entende-se o quanto é importante a utilização de boas metodologias que possam dar ao aluno a liberdade de se expressa de expor suas concepções, permitindo um diálogo agradável entre o professor e turma, no entanto nas aulas de Geografia na escola e inexistente o uso de tais metodologias, o livro didático e a lousa são as suas únicas ferramentas.

Tudo isso implica no processo de ensino-aprendizagem, pois desestimula os alunos fazendo com que os mesmos não tenham interesse pela disciplina, pois a forma na qual é guiada gera todos os problemas destacados na pesquisa, se o professor que é o mediador do conhecimento não demonstra o quanto os saberes geográficos são importantes os alunos por si só não conseguiram perceber a relevância de se compreender a Geografia.

As dificuldades encontradas com relação a currículo e metodologias acarretam problemas nos meios avaliativos. No que foi possível analisar nas aulas existem a utilização

de trabalhos e atividades que poderiam ser útil para o professor diagnosticar os conhecimentos dos alunos, e de fato ele conhece as limitações dos mesmos, porém não se manifesta para ajudar a superar tais dificuldades. Assim, a utilidade dos trabalhos é atribuir notas. Entende-se que as práticas avaliativas também são importantes para verificar a atuação do professor em sala se esta contribuindo na formação cognitiva dos alunos, no que diz respeito a esse aspecto não foi possível notar se essa autoavaliação é feita por ele.

É importante ressaltar que a avaliação deve ser visto como um meio eficaz, pois é parte integrante no processo de ensino-aprendizagem, pois é preciso um planejamento para que os conteúdos sejam passados de uma forma que os alunos consigam entender, como metodologias que possam ajudar nesse processo para que exista a avaliação, ou seja, existe uma conexão que faz com que uma necessite da outra.

Assim é possível concluir que o ensino de Geografia tem o intuito de passar uma visão mais ampla acerca das complexidades do espaço, permitindo uma reflexão coerente sobre o mesmo, no qual irá depender de um conjunto de fatores, a começar pela atuação do professor com a utilização de metodologias que se adequem aos conteúdos geográficos como também mudanças por parte do município, pois o descaso que a escola sofre tem prejudicado não só o ensino da Geografia e sim da educação como um todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Maria Cristina Cavalcante. et al. As metodologias de ensino de Geografia na Escola Estadual Antônio Pinto de Medeiros, Natal/RN: a percepção dos estudantes. In: VII Congresso Norte Nordeste de Pesquisa e Inovação- CONNEPI, 7, 19-21 out. 2012. **Anais do VII CONNEPI**. Disponível em: < <http://www.ifto.edu.br/connepi/layout.php>> Acesso em 15 fev. 2016.

BENTO, Izabella Peracini; CAVALCANTI, Lana de Souza. Saberes e práticas de professores de Geografia referentes ao conteúdo cidade no cotidiano escolar. In: X Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia, n. 10, ago/set 2009, Porto Alegre. **Anais do X ENPEG**. Disponível em: < <http://www.agb.org.br/XENPEG/ficha.htm>>. Acesso em 11 jan 2016.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**. v.2, nº 1, p.69-80, jan/jul 2005.

BRANDÃO, Carlos da Fonseca. **LDB passo a passo: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96) Comentada e Interpretada, Artigo por Artigo**. 3. ed. São Paulo: Avercamp, 2007.

BRITO, Glaucia da Silva; PURIFICAÇÃO, Ivonelia da. **Educação e novas tecnologias: um re-pensar**. 2. ed. Curitiba: IBPEX, 2008.

CARVALHO, Maria Inez. **Fim de século: a escola e a Geografia**. Ijuí: UNIJUÍ, 1998.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 13. ed. Campinas: Papyrus, 1998.

_____. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

_____. A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos e alternativas. In: I Seminário Nacional: currículo em movimento-perspectivas atuais. nº 1, nov. 2010, Belo Horizonte. **Anais do I Seminário Nacional: currículo em movimento-perspectivas atuais** Disponível em < <http://portal.mec.gov.br/par/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/16110-i-seminario-nacional-do-curriculo-em-movimento>>. Acesso em 10 fev. 2016.

_____. O lugar como espacialidade na formação do professor de Geografia. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**. v.1, nº 2, p.01-18, jul/dez, 2011.

DEZOTTI, Marisa dos Santos; ORTIZ, Ail Conceição Meireles. O ensino de Geografia em escolas de educação básica na cidade de Santa Maria, Rs: Uma análise metodológica. **Disc. Scientia**. Santa Maria, v.11, nº 1, p.79-91, 2010.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.) **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

GUI, Roque Tadeu. Grupo focal em pesquisa qualitativa aplicada: intersubjetividade e construção de sentido. **Revista rPot**. Santa Catarina. v.2, nº 1, p.135-160, jan/jun 2003.

KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino básico: questões e propostas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

LACOSTE, Yves. **A Geografia – Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. 4. ed. Campinas: Papirus, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

NETO, Francisco Otávio Landim; BARBOSA, Maria Edivani Silva. O ensino de Geografia na Educação Básica: uma análise da relação entre a formação do docente e sua atuação na Geografia escolar. **GEOSABERES: Revista de estudos geoeeducacionais**. v. 1, nº 2, p. 160-179, dez. 2010

NUNES, Elton de Oliveira. Conflitos e exclusão: conceito de pós-modernidade e sua recepção no meio protestante brasileiro. **Revista brasileira de História das religiões**. ano 1, nº 3, jan. 2009.

OLIVEIRA, Adriana; APARECIDA, Celena; SOUZA, Gelsenmeia M. Romero. Avaliação: conceitos em diferentes olhares, uma experiência vivenciada no Curso de Pedagogia. In: Congresso Nacional de Educação, 7, 2008. **Anais do VIII EDUCERE**. Disponível em <<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/>> acesso em 11 jan. 2016.

PESSOA, Rodrigo Bezerra. **Um olhar sobre a trajetória da Geografia escolar no Brasil e a visão dos alunos de ensino médio sobre a Geografia atual**. 2007. 130 p. Dissertação (Mestrado Geografia). Centro de Ciências Exatas e da Natureza, Programa de pós-graduação em Geografia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

RIBEIRO, Márcio Willyans. Origens da disciplina de Geografia na Europa e seu desenvolvimento no Brasil. **Revista diálogo Educ**. Curitiba, v. 11, n. 34, p. 817-834, set./dez. 2011.

ROCHA, Genylton Odilon Rêgo da. O Ensino de Geografia: as prescrições oficiais em tempos neoliberais. **Revista Contraponto**. v.10, nº1, p. 14-28, jan-abril 2010.

ROCHA, Samir Alexandre. Geografia Humanista: história, conceitos e o uso da paisagem percebida como perspectiva de estudo. **Revista RA'E GA**. Curitiba, v. 13, p. 19-27, 2007.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 35. ed. Campinas: Autores associados, 2002.

SOUZA, Carlos Henrique M. et al. Modalidades avaliativas e seus objetivos – Análise das ferramentas EAD utilizadas na disciplina Metodologia do Trabalho Científico do Centro Universitário São Camilo – Espírito Santo. In: Simpósio Brasileiro de Informática na Educação, 22, 21-15 nov. 2011. **Anais do 22º SBIE**. Disponível em: <http://www.br-ie.org/index.php/anaissbie>. Acesso em 11 jan. 2016.

APÊNDICE A – Fotografias na Escola Municipal Raimundo Nonato Bogéa Ribeiro.



Figura 1 – Fachada da Escola Municipal Raimundo Bogéa.



Figura 2 – Entrada da Escola.



Figura 3 – Turma do 6º Ano “A”.



Figura 4 – Outro momento na turma do 6º Ano “A”.



Figura 5 – Atividade do PIBID com alunos das turmas do 6º Ano “A” e “B” e 7º Ano “A” e “B”.



Figura 6 – Alunos da escola na hora do recreio.

APÊNDICE B – Questionário aplicado com o Professor

Qual sua formação?

Ensino Médio

Licenciatura Curta ou Plena? Em quê? _____

Bacharel Outros _____

Onde e quando concluiu sua graduação? _____

Quanto tempo tem de experiência? 0 a 5 anos 6 a 10 anos 11 a 15 anos mais de 16 anos

Trabalha em outra escola? _____

Sua carga horária semanal _____

Participa de congressos e/ou Encontro pedagógicos? Quais?

Você possui uma formação continuada oferecida pela Secretaria de Educação?

1-Discorra sobre as metodologias que normalmente utiliza em sala de aula.

2-Quais os recursos você utiliza para desenvolver a noção espacial dos alunos?

3-Utiliza alguma tecnologia como instrumento de aprendizagem dos alunos? Cite.

4-Sabe-se que, a pesquisa de campo é um excelente recurso didático, pois possibilita ao aluno a fixação dos conteúdos com estimula sua criticidade. Você já fez alguma pesquisa de campo com as turmas no qual leciona?

5-Quais as principais dificuldades apresentadas por seus alunos na aprendizagem da disciplina?

6-A linguagem utilizada nos livros didáticos é adequada aos alunos? Justifique.

7-Quais os maiores desafios para ensinar a disciplina de Geografia na sala de aula?

8-Você utiliza textos e atividades complementares, além dos que se encontra nos livros didáticos?

9-Como você faz a avaliação da aprendizagem dos alunos? Que método utiliza? Quais os seus procedimentos de avaliação para com os alunos?

10-Os conteúdos que são trabalhados em sala estão sendo relacionados com a realidade dos alunos?

11- Sabe-se que a disciplina de Geografia é vista como enfadonha e decorativa. O que você faz para desconstruir essa ideia da maioria dos alunos?

APÊNDICE C – Questionário aplicado com os alunos

1-As metodologias que o professor utiliza facilita no ensino da disciplina de geografia?

2-No seu ponto de vista o que deveria mudar na metodologia utilizada pelo professor?

3- Os conteúdos ensinados em sala de aula são relacionados com a realidade de vocês?

4- A disciplina de Geografia tem contribuído no seu cotidiano de vocês?

5- Quais são os meios avaliativos que o professor mais utiliza para avaliar a aprendizagem de vocês?

6-Vocês acreditam que os meios avaliativos que o professor utiliza realmente mostram o que aprenderam?